

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**VIOLÊNCIA SOB O OLHAR DO ADOLESCENTE AUTOR DE ATO
INFRACIONAL: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS**

KAYNELLY SOUZA DE MELO

NATAL
2014

Kaynelly Souza de Melo

**VIOLÊNCIA SOB O OLHAR DO ADOLESCENTE AUTOR DE ATO
INFRACIONAL: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS**

Dissertação elaborada sob orientação da Professora Dra. Elza Dutra e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A Dissertação *Violência sob o olhar do adolescente autor de ato infracional: reflexões fenomenológicas* elaborada por Kaynelly Souza de Melo foi aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**.

Natal, 04 de Abril de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Elza Dutra (UFRN)

(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Monte Coelho Frota (UFC)

Professora Convidada

Prof. Dr. Marlos Alves Bezerra (UFRN)

Professor Convidado

Para Painho e Mainha.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelos esforços, renúncias e preocupações despendidas para oferecer a melhor educação, oportunidades e carinho aos seus três filhos.

Aos meus irmãos por terem me ensinado sobre amizade e cuidado.

Aos meus amigos pela paciência e compreensão.

À minha orientadora, Elza Dutra, que acreditou muitas vezes mais do que eu, que poderia realizar meu sonho de ser Mestre.

Ao meu guia espiritual que, mesmo na adversidade, me ensinou a ser sempre melhor e mais feliz.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	09
CAP. 1: VIOLÊNCIA NA HUMANIDADE	18
1.1 A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA	20
1.2 A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	23
CAP. 2: SER ADOLESCENTE E A VIOLÊNCIA	29
2.1 A ADOLESCÊNCIA COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL	30
2.2 HISTÓRIAS DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE NO BRASIL	34
2.3 PENSANDO O SER ADOLESCENTE A PARTIR DA ANALÍTICA EXISTENCIAL	36
MÉTODO	45
PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE A PESQUISA	49
TECENDO AS HISTÓRIAS DA PESQUISA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	97

RESUMO

O envolvimento de jovens com a violência nos últimos anos, no Brasil, tem aumentado significativamente, bem como o número de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas com restrição de liberdade. Entretanto, a literatura mostra a produção incipiente de estudos que abordam o jovem infrator a partir da sua própria experiência. Com base nessas evidências, esta pesquisa teve como objetivo compreender como adolescentes autores de atos infracionais experienciam a violência, sejam como agentes, espectadores ou vítimas, sob a ótica da Analítica Existencial, de Martin Heidegger. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração fenomenológico-hermenêutica, tendo sido utilizada a narrativa como recurso metodológico. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com dois adolescentes de 16 e 17 anos, egressos de medida socioeducativa de restrição de liberdade. A interpretação das narrativas foi feita a partir dos sentidos que emergiram na experiência relatada e do diálogo entre algumas noções heideggerianas como ser-no-mundo, cuidado e impessoalidade. Os relatos mostraram que a violência está presente desde a infância desses adolescentes, tendo sido presenciada na própria família. Para eles, o comportamento violento representa uma forma de impor respeito e admiração. As experiências podem ser interpretadas como uma expressão das relações entre o ser adolescente e o mundo que caracteriza o seu contexto de vida. Assim, as noções de cuidado, no modo de ocupação, e impessoalidade, são vistas como presentes nas experiências narradas. Por hora, o que apresentamos foi nossa compreensão dessas experiências únicas de ser adolescentes num contexto de violência, mostrando peculiaridades de duas crianças que não queriam ser um problema social, mas lançados num mundo inóspito e cruel, na qual nos absorve para as tramas mais sutis de ser, misturando significações e sentidos num espectro fluido que é o viver. Por fim, esperamos que esta pesquisa possa acrescentar não só aos estudos sobre a violência de jovens, mas também ressaltar a importância de se compreender a violência pelo olhar daqueles que a vivenciam.

Palavras-chave: fenomenologia hermenêutica; adolescente; violência; pesquisa fenomenológica; Heidegger.

ABSTRACT

The involvement of teenagers with violence in recent years has significantly increased, as also the number of teenagers fulfilling educational measures with restriction of freedom. However, the literature shows the incipient production of studies that address the young offender from his own experience. Based on these evidences, this research aimed at comprehending how young offenders live violence, either as agents, spectators or victims, from Martin Heidegger's Existential Analytic perspective. This is a qualitative and phenomenological-hermeneutic inspired research, that was used as a methodological resource. Semi-structured interviews were performed with 16 and 17 years old teenagers, egressed from the freedom restriction socio-educational measure. The interpretation of the narrative was taken from the senses that emerged from the reported experience and from the dialogue between some Heideggerian notions like being-in-the-world, care and impersonality. Reports showed that violence exists since the childhood of these teenagers, having been witnessed in its own families. For these teenagers, the violent behavior represents a way of imposing respect and admiration. The experiences can be interpreted as an expression of the relations between the teenager and the world that features the context of their lives. Thus, the notions of care, in the occupation mode, and impersonality are seen as present in the narrated experiences. With this, we conclude, for now, that the comprehension of these unique experiences of being teenagers in a violence context showed peculiarities of two childs that did not want to be a social problem, but launched in a harsh and cruel world, in which they showed themselves absorbed and modifier at the same time, from the most subtle plots of being, mixing meanings and senses in a fluid spectrum: life. At last, we hope that this research contributes not only to the studies about violence among teenagers, but also to highlight the importance of comprehending violence from those who experience it.

Key-words: hermeneutic phenomenology, teenager; violence; phenomenological research; Heidegger.

INTRODUÇÃO

Este estudo se propôs a abordar a experiência de violência de adolescentes autores de atos infracionais egressos de medidas socioeducativas de privação/restrição de liberdade. Partindo de uma perspectiva fenomenológico-existencial, pretendeu-se ouvir os relatos desses jovens sobre suas vivências e experiências no contexto de violência no qual essa parcela da população está inserida. Como esses jovens lidam com a experiência de violar e ser violado e as implicações do cotidiano de educação e confinamento, considerando o contexto histórico e social em que vivem, focalizando, principalmente, a dimensão existencial.

Cruz, Azevedo e Gonçalves (2011) definem violência como qualquer ato praticado contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou comunidade. Que pressuponha uso intencional de força física ou poder, real ou sob a forma de ameaça. Que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. A violência é um termo complexo e com inúmeras definições e teorias que buscam explicar esse fenômeno. Neste trabalho ela é entendida como um fenômeno multifacetário, temporal e histórico, nutrido e modelado a partir de aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que se traduzem nas relações cotidianas entre os seres, a sociedade e o mundo.

A crescente violência no segmento juvenil é apresentada pelo levantamento feito a partir de dados do Mapa da Violência (Waiselfisz, 2012). O documento revela um aumento de 150% na taxa de homicídio da população entre 15 e 24 anos, comparada à taxa da população não-jovem (de 0 a 14 e acima de 25 anos) no período de 2000 a 2010 no Brasil. Além do mais, o estudo desponta o elevado percentual de morte masculina, 95%. No estado do Rio Grande do Norte, os dados não destoam do resto do país. O

número de homicídios de jovens na faixa etária de 15 a 24 anos subiu de 76 mortes em 2000 para 275 em 2010, triplicando o número de mortes de adolescentes na última década, tendo seu ápice em 2009, somando 309 mortes. Nesses números se destacam Natal, Região Metropolitana e Mossoró, como as cidades com maiores índices do estado (Waiselfisz, 2012). De acordo com um levantamento feito pela CODEM - Coordenadoria de Direitos Humanos e Defesa de Minorias da Secretaria de Justiça do RN (2009), em Natal, os bairros de Nossa Senhora da Apresentação, Lagoa Azul, Felipe Camarão, Potengi e Pajuçara, juntos, concentram mais de 50% dos homicídios de adolescentes da capital. São bairros com população majoritariamente de baixa renda, com pouca escolaridade e garantia de recursos. Esses dados mostram a desatenção do poder público e a falta de assistência básica a essa população.

O artigo 103 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA diz que é considerado ato infracional qualquer conduta descrita como crime ou contravenção penal. Como possíveis medidas a serem aplicadas aos adolescentes, comprovado o ato infracional, seriam: advertência; obrigação de reparar o dano; prestar serviço à comunidade; liberdade assistida; inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional. A lei determina que nenhum adolescente deverá ser privado de liberdade senão em flagrante do ato infracional ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente.

O aumento no número de adolescentes que praticam a violência também é registrado em pesquisas. Segundo dados da Secretaria de Direitos Humanos (SDH), divulgados em 2010, a partir do Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei, no período de 2004 a 2009, o número de adolescentes autores de atos infracionais que cumprem medidas socioeducativas com restrição de liberdade (internação, internação provisória e

semiliberdade) cresceu 31% no Brasil, totalizando 18.107 adolescentes. Sendo que 12.041 estão em regime de internação, 3.934 em internação provisória e 1.728 em medida de semiliberdade. O estado que mais concentra esses adolescentes é o de São Paulo. Ainda segundo o estudo do governo federal, no país, para cada 10 mil adolescentes entre 12 e 18 anos, há, em média, 8,8 cumprindo medida de privação e/ou restrição de liberdade. Destes, 95% são do sexo masculino.

No Rio Grande do Norte existem oito Centros Educacionais que realizam atendimentos aos adolescentes autores de atos infracionais. Destes, quatro atendem adolescentes sob medida socioeducativa de semiliberdade e quatro com adolescentes cumprindo medida socioeducativa de privação de liberdade, sendo um feminino e os outros três masculinos. Todos estão vinculados à Fundação Estadual da Criança e do Adolescente do Rio Grande do Norte – FUNDAC-RN entidade sucessora da FEBEM/RN. O Centro Educacional Nazaré (CEDUC-Nazaré) que fica localizado em Natal/RN, é uma das instituições de cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade para adolescentes do sexo masculino e que atende a demanda de Natal e região metropolitana.

Os regimes de internação e semiliberdade – Artigos 120 e 121 do ECA – são medidas socioeducativas que podem ser determinadas desde o início da medida, respeitando as particularidades do caso, bem como sua brevidade. A internação deverá ser aplicada mediante a gravidade do caso, reincidência ou descumprimento de uma sanção anterior, nesta são obrigatórias atividades pedagógicas. Já a semiliberdade possibilita a realização de atividades externas, sendo obrigatórias a escolarização e a profissionalização, sendo indispensável ao adolescente voltar à instituição à noite (Brasil, 2006). O objetivo principal dessa medida é reintegrar o adolescente à sociedade e assim unir as possibilidades para um desenvolvimento pleno e as suas

responsabilidades. Em contrapartida, o Estado e a instituição devem ofertar boas condições na estrutura física, alimentação, espaço de convivência adequado, no cumprimento das duas medidas citadas.

Castro e Guareschi (2008) realizaram uma pesquisa que objetivou escutar dos adolescentes como estes significam suas práticas de vida a partir dos contextos da família, da justiça e da medida socioeducativa de internação. Os autores constataram a partir das narrativas dos adolescentes que não existe um entendimento por parte destes com relação à justiça e seus pareceres. Os adolescentes afirmaram que não compreendiam o que era dito durante as audiências, como também relataram que não se sentiam escutados e compreendidos. Quando questionados sobre a medida de internação, estes tinham opiniões ambíguas. Por um lado, entendiam que a medida era uma forma de afastá-los dos supostos problemas das ruas e que servia para ajudar a superá-los. E que, para isso, deveriam ter bom comportamento, como esperado pelo Juiz. Porém, ao mesmo tempo, os adolescentes afirmavam que a medida de internação era como uma prisão, manicômio, um castigo que eles deveriam cumprir. A partir dessa constatação, pode-se questionar qual o efeito deste julgamento para os adolescentes, uma vez que estes sequer podem compreender as palavras proferidas pelos Juízes, porque chamar de medida socioeducativa se o que se pratica na realidade são ações de contenção, isolamento como punições a comportamentos considerados inadequados, bem como a falta de atividades e de atendimentos técnicos. O ECA (2006) estabelece que durante o cumprimento das medidas socioeducativas devem ser desempenhados os direitos do adolescente de escolarização e de profissionalização. No entanto, a realidade se distancia tanto das diretrizes que os adolescentes significam a internação apenas como uma prisão, um isolamento, sem atividades práticas e/ou educativas, ou seja, as medidas perdem seus sentidos e finalidades. Enfim, diante do que foi relatado pelos

adolescentes, é possível afirmar que o que vigora no sistema socioeducativo brasileiro é o caráter prisional das ações voltadas ao adolescente que comete ato infracional.

O que se pode indagar sobre a questão do adolescente e suas experiências é que esta pesquisa tentou proporcionar abertura para que eles falassem sobre a sua existência, indo além da descrição do contexto de medida socioeducativa e abordando suas questões existenciais e seus modos de ser e as possibilidades de ser adolescente num contexto de violência. Isso porque o adolescente autor de ato infracional é, acima de tudo, um adolescente com particularidades históricas e temporais, inserido num contexto de mundo, co-habitando-o, isso implica considerar o ato infracional como uma experiência pautada no contexto da sua história e nas circunstâncias de vida.

Contudo, não é possível compreender as experiências desses adolescentes fora de um contexto histórico e temporal. Ser adolescente é viver momentos de extrema instabilidade de humor, conduta, atitudes ambivalentes de dependência e independência, e estar sempre em busca de valores e referências que propiciem a construção de uma identidade adulta. A reorganização da identidade do jovem sofre a influência direta da cultura onde está inserido; ou seja, a ideologia do mundo circundante se apresenta como aquela que preencherá os vazios ideológicos que esse novo ser busca preencher, cabendo-lhe um papel de destaque no sentido de poder-ser. Nesse momento de vida, o adolescente busca identificações, ideologias, seus pares e, principalmente, através da cultura para que possam legitimá-lo como um ser apropriado da sua nova condição de ser-no-mundo como adulto (Dutra, 2000).

Este trabalho teve por objetivo propor uma discussão sobre o fenômeno, assumindo como perspectiva teórica e metodológica, a Analítica da Existência concebida e desenvolvida por Martin Heidegger. Para este filósofo, o homem é o único ente capaz de questionar o seu ser e de dar o sentido do que ele é, de que ele existe. A

este homem, Heidegger chama de *Dasein*, o ser-aí, o ser que existe imediatamente no mundo, ser que é possibilidade e abertura para o mundo. O *Dasein* não está no mundo somente no sentido de posto em um espaço e tempo delimitado, mas sim implicado em um contexto de vivência no mundo, indicando a sua inseparabilidade do mundo e dos outros homens, por isso ele é um ser-no-mundo (*in der Welt sein*). O Ser habita o mundo, detém-se nele e existe nele. E este mundo no qual o *Dasein* habita, representa a abertura de sentido, contexto de significação e linguagem. O homem relaciona-se no mundo imediatamente à medida que trabalha e opera com os instrumentos que tem ao seu redor. Esses instrumentos são definidos em uma dimensão de significados determinados pelo contexto e pelo uso. Vale salientar que o *Dasein*, enquanto um ser-no-mundo, se vê envolvido na convivência com outros entes que também possuem o modo de ser do *Dasein*; a este caráter da existência atribui-se a denominação de ser-com (*mitsein*) (Heidegger, 1927/2011).

É por meio do relacionamento do ser no mundo com os outros que o *Dasein* vai se estruturando, construindo seus valores, imerso no seu próprio ser no mundo social (família, escola, amigos). Esse intercâmbio, por sua vez, se dá por meio das relações entre o ser com os outros seres e os objetos. O ser do humano, portanto, é simultaneamente constituinte e constituído pelo meio social, num relacionamento constante, caracterizado pela abertura, a criatividade e a plasticidade (Jost, 2010).

De acordo com Sá, Mattar e Rodrigues (2006), as relações na contemporaneidade são marcadas pela técnica moderna. A ideia heideggeriana sobre esta temática considera que a técnica moderna possui como característica principal a exploração, na qual o explorador, o controle e a segurança são as marcas fundamentais. Desta forma, na tentativa de obter segurança, ora no apego ao outro que se busca controlar, ora no repúdio a qualquer comprometimento, o homem desvela a si próprio e

ao outro como “fundo de reserva” disponível ao uso. Remete assim à determinação instrumental da técnica, ao desvelar-se aos outros como meios para um fim. A violência pode ser entendida como um retrato desse modo de ser e lidar com as circunstâncias do mundo. Arendt (1994) esclarece que todo tipo ou ato de violência se configura como um instrumento para alcançar um objetivo específico. Seja utilizando o poder, força ou vigor, se aplicada às relações humanas, a violência é praticada como instrumento para alcançar uma finalidade. Seja na busca pela obtenção de controle ou poder sobre bens ou pessoas, aqueles que praticam a violência não consideram aqueles os quais a sofrem, extraindo, assim, somente o produto dos seus atos.

Por sua vez, Critelli (1996) faz uma reflexão sobre o mundo habitado pelo ser e como este lida com esse mundo. Ao longo da sua história, o homem busca respostas para os seus diversos questionamentos sobre o mundo, sua fluidez e sobre si mesmo. Com o desenvolvimento das ciências e da metafísica, o homem estabeleceu a possibilidade de um domínio da realidade. Acreditando que toda a sua produção de conhecimento possuía um caráter de verdade, previsibilidade e comando. Assim, o homem garantia para si sua imutabilidade, unicidade e absolutividade diante do mundo. Esse modo de pensar atinge também o modo de ser do homem ocidental. Construiu-se uma perspectiva de verdade na qual, subjacente a esta, existe a ideia de controle da sua vida, da vida dos demais, das forças da natureza, do modo de habitar e instalar-se nele. Porém essa verdade é ilusória, pois viver no mundo, como acredita a autora anteriormente citada, é jamais alcançar qualquer fixidez. O mundo não oferece garantias de fixidez, consistindo, sempre, num mundo inóspito para o homem.

É também nessa direção que as ideias de Carreteiro (2003) se direcionam. Para esta autora, a violência surge como um dos principais instrumentos para a garantia de controle e segurança do viver. Sendo a violência simbólica ou real, esta se estabelece

como um instrumento capaz de se impor ao outro, e assim, serem reconhecidos como tal. Esse tipo de comportamento tem sido considerado como resultante da necessidade do homem contemporâneo de superar a insegurança do mundo, através do controle. Seria então através do modo técnico que o homem ocidental habita o mundo, implicando uma desvalorização do outro e valorizando os modelos de controle do mundo.

É visível a vasta produção acadêmica com relação ao tema, descrevendo incidência, prevalência, áreas e comportamentos de risco, além da identificação de grupos populacionais envolvidos. Diferente deste panorama, esta pesquisa pretende abrir um espaço para ouvir dos próprios adolescentes as suas percepções e vivências sobre a violência, e sobre o cotidiano desses jovens. Esta pesquisa se propõe a abrir um espaço de reflexão ~~realizar~~ sobre violência, envolvendo a juventude e a adolescência, bem como, a maneira como a sociedade se organiza na atenção a essa fase da vida, e como os adolescentes lidam com na realidade na qual estão inseridos.

A partir dos temas até então pontuados, surgiram algumas questões norteadoras desta pesquisa. Como os adolescentes autores de atos infracionais experienciam a violência em seu cotidiano? Como este se percebe no mundo e num contexto de violência, seja como agente, expectador ou vítima? E é nessa direção que o presente estudo pode trazer contribuições para as discussões que vêm sendo travadas no campo da saúde e segurança pública, nos quais se problematiza acerca dos motivos que levam os adolescentes a se envolverem em situações de violência.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo compreender como os adolescentes autores de atos infracionais experienciam a violência. Como objetivos específicos, almejou-se investigar quais os aspectos que permeiam a experiência de violar e ser

violado; explicitar as implicações do cotidiano de confinamento para a vida dos entrevistados.

A dissertação foi estruturada de forma a proporcionar ao leitor um conhecimento sobre o tema a partir de estudos anteriormente desenvolvidos sobre a violência, além de fornecer uma visão diferente, sob a ótica da fenomenologia, sobre as questões propostas. No primeiro capítulo, foi oferecido um panorama atual da literatura com relação à violência, as teorias que a fundamentam como fenômeno e suas implicações na sociedade atual. O segundo capítulo apresentou a concepção de adolescência como um constructo social e cultural; o envolvimento do adolescente com a violência e como o Estado e a sociedade se propõem a agir diante desse fato; e as experiências e sentidos dos adolescentes autores de ato infracional. Apresentado um aporte teórico na perspectiva fenomenológico-hermenêutica de Heidegger, dialogando com as particularidades existentes nas relações contemporâneas do Ser e a violência. Estes foram seguidos pelo capítulo que descreveu a estratégia metodológica, resultados e discussão, concluindo com as considerações finais do trabalho.

1. A VIOLÊNCIA NA HUMANIDADE

A violência é um fenômeno complexo e multifacetado, não determinado, que se perpetua e acompanha o homem ao longo da história das civilizações, manifestando-se de diversas formas. É um fenômeno bastante estudado, que atrai milhares de pesquisadores e inquieta a sociedade. Para cada povo, cultura, grupo ou nação a violência tem um significado, dependendo do momento e das condições históricas e sociais em que ocorre.

Minayo (2005) define violência como um termo que gera múltiplos entendimentos. Derivado do latim *violentia*, o vocábulo vem da palavra *vis*, que quer dizer força e se refere ao uso do poder ou superioridade física sobre o outro, seus bens ou constrangimento. Suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas, segundo normas sociais mantidas por usos e costumes naturalizados ou por aparatos legais de cada sociedade.

Nas sociedades, a violência aparece das mais diversas formas e expressões. Uma delas é a violência estrutural, que está enraizada nas instituições organizadas, como a família, os sistemas econômicos, as culturas que exprimem ordens e regras a serem seguidas por aqueles subordinados. Conduzem a opressão contra grupos, classes, nações ou indivíduos, tornando-os mais vulneráveis. Como resposta a essas estruturas, tem-se a violência de resistência. Esta não é considerada natural e é objeto de repressão por aqueles que detêm o poder. E como consequência de todas essas outras formas, que corrompem e impulsionam ao delito, vem a violência de delinquência que se revela nas ações fora da lei. A desigualdade, a alienação do trabalho e nas relações, o consumo e o menosprezo dos valores e normas em detrimento dos lucros são questões que contribuem para a expansão da delinquência (Minayo & Souza, 1998).

Essa delinquência também aparece como formas diferenciadas de violência. Como a violência física que ocorre quando alguém causa ou tenta causar qualquer tipo de dano contra outro, por força física, arma de fogo ou instrumento, ocasionando lesões internas ou externas. A violência psicológica inclui toda agressão verbal, ação ou omissão que causa ou visa ao dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. A negligência é outra forma, caracterizada pela falta de responsabilidade de alguém para com outro considerado incapaz devido à idade ou condição física. Existe também a violência sexual, que é toda ação de alguém contra outro utilizando a força física ou psicológica, uso de armas ou poder para obrigar a outra a realizar práticas sexuais. Outra forma de violência bastante comum é a violência doméstica. Bastante praticada contra crianças e adolescentes, também pode ter como principais vítimas mulheres e idosos. Tendo como raízes os contextos histórico, cultural e social, é bastante disseminada e, muitas vezes, estigmatizada e execrada no cotidiano do país. Configura-se como um padrão abusivo e autoritário da relação pai-mãe-filho. Todas essas formas de violência estão presentes no cotidiano da sociedade contemporânea (Carvalho, 2010).

Nas sociedades primitivas, a violência era um comportamento essencial para a sobrevivência no mundo hostil. Todos, homens e mulheres, eram treinados para se defenderem dos ataques de animais ou outras tribos e para a caça. Aqueles que mais se destacavam devido a sua bravura, coragem e força, se tornavam líderes e defensores do grupo. Na Idade Antiga, a invasão, dominação e exploração de outros povos eram fatores que determinavam o poder e a grandeza de um povo. A riqueza de um grupo era medida pela força do seu exército. Já na Idade Média, a violência física era natural. São comuns os relatos de mãos decapitadas, torturas e mortes públicas como forma de punição aos delitos cometidos, alguns desses como forma de amor a Deus. Alguns

autores afirmam que nas sociedades contemporâneas, a violência é mascarada com o propósito de controle social. Assim, quando algum comportamento é entendido como fora dos parâmetros sociais, sofre as sanções cabíveis. Isso justifica as guerras contra outras nações, as prisões e punições (Gullo, 1998; Hayeck, 2009).

No Brasil, as expressões de violência são retratadas desde a época colonial, cujas primeiras manifestações documentadas remetem ao genocídio indígena e à escravidão, além das inúmeras revoltas populares que se destacam na história do país. Em relação ao período imperial e republicano, ressalta-se que houve levantes como a Guerra do Paraguai, e após a proclamação da República, floresceu o coronelismo e, conseqüentemente, o banditismo rural de jagunços e cangaceiros. Como é possível destacar na literatura sobre a violência, esta se encontra presente ao longo da história do homem e em todas as culturas e de diferentes formas (Hayeck, 2009).

1.1. A questão da violência

Existem inúmeras teorias, ideias e pensamentos que buscam entender e explicar o fenômeno da violência. Aqui serão apresentadas algumas delas a título de ilustração, a começar pela concepção difundida na população. A visão do senso comum sobre violência remete a experiências diárias da sociedade. Esta é sempre associada à força bruta, agressão, truculência e coerção contra alguém, desconsiderando os aspectos macro desse fenômeno e entendendo-a como uma reação natural do homem. Assim, consolida-se uma perspectiva que compreende a violência como um instrumento voltado para formas de respostas às injustiças, para a falta de oportunidade e não contra classes ou grupos sociais (Guimarães, 2006; Gullo, 1998).

Essa ideia corrobora a perspectiva biológica de que a violência é uma característica primordial, essencial e constitutiva do ser. Esta defende que, por ser importante para a adaptação e evolução do homem no planeta e presente ao longo da

história do ser humano, esta perspectiva afirma que se trata de um comportamento inerente que se manifesta como algo que explode de forma repentina e imprevisível. Para isso, usam como exemplo as repetidas guerras, massacres e genocídios travados pelos exércitos com o pretexto da busca pela paz (Daudon, 1998). Porém, existem controvérsias sobre essa explicação, pois a aceitação e disseminação da violência enquanto elemento natural do homem leva a uma banalização e legitimação desse fenômeno; além de uma validação desse comportamento diante do contexto que o produziu, tornando-se fácil sua perpetuação.

Outra forma amplamente difundida de compreender a violência é vinculá-la à pobreza e à miséria. O sistema capitalista, baseado na exploração, dominação, exclusão e concentração de renda provocam disparidade social. E, aliada às ações ineficazes das políticas públicas, a violência surge como uma resposta reativa das classes não dominantes, às conseqüências que o sistema capitalista lhes provoca em termos da falta de oportunidade e acesso aos serviços básicos (Adorno, 2002). Entretanto, caracterizar a violência vinculada exclusivamente ao poder aquisitivo de um grupo é um desenho equivocado da realidade ao tratar desse fenômeno. Atualmente, a violência não possui um espaço ou situação específica. Ela faz-se presente tanto nos bairros ricos quanto nas favelas, abrange o centro e a periferia, nas grandes e pequenas cidades, perpassando diversas classes sociais. As mais distintas expressões de violência aparecem todos os dias nos noticiários nacionais e regionais, deixando clara a disseminação e abrangência dos casos. Testemunham-se também jovens de classe média cometendo crimes como roubo, sequestro, assassinato (Hayeck, 2009).

Já Arendt (1994) reflete sobre o tema afirmando que a razão principal da manutenção da violência na sociedade não se trata de um desejo secreto de morte da espécie humana, nem um irreprimível instinto de agressão, muito menos os sérios

perigos econômicos e sociais, mas sim, o simples fato de que ainda não apareceu algum fenômeno substituto que exerça o mesmo papel da coerção nas relações de poder. Na sociedade, a violência não promove causas, nem a história, nem a revolução, nem o progresso, nem o retrocesso, mas serve para chamar atenção pública para esses problemas.

Neste trabalho, a violência é entendida e teorizada como um fenômeno dinâmico e complexo, sendo criado e desenvolvido em vida social. Por isso a necessidade de compreendê-la nas perspectivas histórica, sociológica e antropológica levando em consideração a influência dos aspectos sociais, morais, políticos, econômicos, psicológicos e institucionais. Entretanto, pretende-se, para além desse entendimento, abarcar o fenômeno da violência numa perspectiva existencial do ser humano, sendo este constituído no mundo. Entende-se que pensar a violência apenas como um elemento social ou moldá-la como um comportamento específico do indivíduo pode restringir as possibilidades de compreensão. Adotando a ideia de Heidegger, ao pensar que todo destaque de algum dos momentos do Ser significa, também, destacar os demais, significa ver todo o fenômeno, pois abordá-lo de forma isolada e determinista seria insuficiente para compreendê-lo (Heidegger, 1927/2011).

Seguindo esse pensamento e no esforço de entender as demonstrações de violência, faz-se necessário sair das concepções de enclausuramento de fatos ou comportamentos, compreender para além das mudanças no estilo de vida, das organizações políticas, econômicas, sociais e culturais e uní-las nas esferas da singularidade e existência dos indivíduos em sociedade, sem descartar o âmbito de temporalidade e historicidade do contexto. Este, modificado pela expansão da economia de mercado, pelo crescimento e disseminação do conhecimento científico e tecnológico e pelo fortalecimento de uma cultura de massa. Ou seja, tudo isso deve ser levado em

consideração quanto à produção de conhecimento e reflexões sobre o tema. Pois, todo *Dasein* já é no mundo, inserido e mergulhado nele, desafiando e conhecendo a si mesmo e ao mundo no mesmo instante que se percebe inserido nele.

1.2. A violência na sociedade contemporânea

As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais recentes trouxeram consigo inovações na forma de organização e estruturação das relações em sociedade. Wierviorka (1997) destaca, precisamente, a partir dos anos 60 e 70, a exploração da ideia da chegada de uma nova era que caracterizaria o mundo contemporâneo. Não diferente dos outros aspectos, a violência também apresenta modificações e características específicas. As relações sociais modernas caracterizam a violência contemporânea como um fenômeno que é criado e desenvolvido na sociedade urbano-industrial. Esta é resultado de um processo de segregação e discriminação que seleciona da população os indivíduos mais qualificados para viverem em determinada região e em determinado meio, por força de suas condições socioeconômicas, separando os grupos de acordo com o poder econômico, em diferentes classes sociais.

Essas mudanças de comportamentos, atitudes e concepções da sociedade, são consequências da Revolução Industrial do século XIX e a implantação do capitalismo como lógica de mercado. Segundo a essência do capitalismo liberal, os trabalhadores livres tem liberdade para oferecer e vender sua força de trabalho no mercado; no outro extremo social, surge a minoria possuidora de recursos financeiros que compra a força bruta do trabalhador. Uma elite que ascende ao poder e propõe em seus discursos que os direitos humanos, políticos, econômicos, sociais e culturais são direitos de todos, produzindo-os, assim, como direitos universais e disseminando o ideal de ordem: liberdade, igualdade e fraternidade. O que se constata é que a formação da riqueza, a acumulação do capital produz, também, o seu contrário, a miséria. Entretanto, pelos

olhos do capitalismo, esta passa a ser entendida como ociosidade, como falta de esforço e vontade dos pobres, mas que pode ser aceita desde que estes se mantenham no seu devido lugar, dentro das normas vigentes e respeitando as regras e limites de convivência impostas por uma sociedade de classes (Coimbra & Nascimento, 2005).

Coimbra e Nascimento (2005) concluem seus pensamentos entendendo que esses princípios não podem ser estendidos a todos e caracterizados como universais, pois numa sociedade onde a desigualdade, a competitividade e o mérito são as regras do bom viver, uma existência livre, igualitária e fraterna não tem lugar. Ou seja, ao mesmo tempo em que emerge a figura do trabalhador livre, produzem-se regras definidas e formas consideradas corretas e verdadeiras de ser e de existir, forjando assim falsas subjetividades sobre a pobreza e sobre o ser pobre.

Trata-se de uma sociedade que prega a ideologia da liberdade de escolha, contudo, apenas na aparência. Hoje, vivem-se novos tipos de aprisionamentos, resultantes da impossibilidade do direito de mobilidade, da velocidade das mudanças e do consumismo. Vive-se a perplexidade e aparente aceitação da passividade e da impotência na qual o cidadão se encontra. Há um tipo de violência social que gera o excluído e que dele quer se afastar retirando-o do convívio com os outros e separando-o em espaços longe dos demais grupos sociais. Ocorre também a necessidade desse grupo que detém o poder de se isentar de responsabilidades, atribuindo aos excluídos a condição de objeto pernicioso, perigoso e violento. Essa mesma sociedade que exclui, ignora a segregação e prefere negar à consciência de que é, também, colaboradora para a manutenção das condições geradoras da exclusão e formação do elemento criminal.

Na sociedade brasileira, o crescimento da violência urbana nas suas múltiplas modalidades se tornou um problema de saúde e segurança pública. Minayo (2005) ilustra que a violência em si, não se trata de um problema de saúde pública, porém essa

interface não deve ser excluída das questões. Isso porque as consequências da violência também afetam a saúde individual e coletiva, pelo número de vítimas e sequelas emocionais que acarretam nos indivíduos. Com isso, debater e repensar programas de prevenção e políticas para enfrentamento desse problema vai além da segurança pública, é também uma questão de saúde.

Segundo o Mapa da Violência 2012, o número de homicídios no país subiu, em 30 anos, 259% o que equivale a 4,4% ao ano. Durante as últimas décadas, o país conseguiu um desenvolvimento expressivo na economia e acumulação de capital. Tudo isso sustentando práticas de apropriação, pelo Estado, dos serviços, mantendo o controle e a centralização e preservando as relações sociais autoritárias e excludentes, com elitização da minoria e alta concentração de renda. Com isso, a maioria não detentora de recursos fica à margem das possibilidades e serviços, sem emprego e sem perspectivas de futuro.

Com isso, ao longo dos tempos, foi-se construindo representações histórico-culturais da pobreza e do que é ser pobre, estigmatizando-o como culpado pela sua condição social e fracasso individual. Pensando assim, os ricos se permitem não sentirem-se responsáveis, nem culpados diante da pobreza, das desigualdades, das mortes e assassinatos e dos privilégios que usufruem. Pelo contrário, o pobre é visto como invasor do espaço alheio, como um estorvo desagradável que atormenta suas vidas e que devem ficar longe dos olhos da elite, seja nas periferias ou nos presídios (Paiva & Yamamoto, 2011).

A discussão do conceito de violência de forma ampliada, destacando os diversos níveis e ações e o conseqüente processo de criminalização das classes subalternas, tem como resultado a propagação do medo da violência individual e exclusão do meio social dos autores. Esse processo é alimentado e conduzido pelas diversas formas de poder do

Estado (Poder Judiciário, Legislativo, instituições de ensino, etc.), como também pelas instituições informais como a família, igreja e meios de comunicação. A manutenção do medo faz-se necessário, para validar o controle das massas e ordem do sistema, sendo fundamental manter o sentimento de perigo e insegurança. A mídia, nas suas diversas formas de expressões, contribui para edificar esse processo anunciando dados alarmantes da violência urbana, transformando-a em espetáculo. O comportamento violento de indivíduos é transformado, assim, na violência a ser combatida, e o indivíduo, o criminoso praticante do delito, volta à centralidade como objeto a ser excluído do convívio social (Xavier, 2008).

Essa representação de combate ao indivíduo pobre é mantida pelo olhar da sociedade para com as populações despossuídas e desonradas – seja pelo sua aparência ou pela sua origem – considerados como supostos executores da violência. Desse modo, jovens desempregados, mendigos, “sem teto” e drogados tornam-se indivíduos indesejáveis e de comportamentos intoleráveis porque são vistos como ameaças vivas da insegurança social. Contudo, estes são produzidos pela própria lógica capitalista do trabalho que não absorve todo o contingente populacional, pela falta de oportunidade de condições básicas para o desenvolvimento e pela segregação de classes.

Dessa forma, justifica-se uma série de medidas contra a pobreza, que passa a ser percebida e tratada como possuidora de uma “moral duvidosa”, de vícios e desinteresse. Os indivíduos, por sua vez, por não pertencerem ao mundo do trabalho e viverem no ócio, são concebidos como portadores de delinquência, e vadios. Representam um “perigo social” que deve ser erradicado. Daí a necessidade de medidas coercitivas, principalmente para essa parcela da população, pois são catalogados como criminosos em potencial. Com isso, surge uma grande preocupação com a infância e a juventude que, num futuro próximo, poderão compor as “classes perigosas”: as crianças e os

jovens “em perigo”, aqueles que deverão ter suas virtualidades sob controle permanente (Coimbra & Nascimento, 2005).

O que se pode concluir disso é que o individualismo em excesso e a coletivização ao extremo são fatores que determinam as relações na sociedade contemporânea. Percebe-se que, nesse contexto em que o outro tem pouco espaço, as relações tornam-se fluidas e rápidas, os valores são diminuídos e vão se esvaziando junto com as tradições, dando lugar a figuras de autoridades frágeis, instituições falidas, delinqüências e violências extremas. Diante das mudanças sociais e de comportamento, o medo, a insegurança e incertezas começam a emergir. Assim, configura-se a grande demanda de controle e “limpeza” social que quer dizer remover os “criminosos”, perigosos, levando-os para um lugar de onde não possam escapar. Com isso, verifica-se o aumento das infrações puníveis com penas privativas de liberdade e aumento dessas penas.

Existindo no mundo, o *Dasein*, na maioria das vezes, assume o caráter impessoal em seu cotidiano e guia-se pelas possibilidades que lhes são apresentadas, assim se distanciando daquelas que lhes são mais próprias. Ou seja, o *Dasein* existe, de maneira geral, absorvido pelas preocupações e superficialidades do cotidiano, seguindo as possibilidades que já se encontram abertas pelo mundo, como se cada um fosse como o outro sem saber o que é vivendo sempre em multidão (Seibt, 2009).

Diante desse contexto de violência, exclusão e preconceito, faz-se necessário deter um pouco sobre as questões existenciais que envolvem os jovens, foco desse estudo, e a violência que abarca todas as dimensões acima citadas. O que dizer sobre a experiência singular de cada Ser lançado nesse mundo hostil e segregador? Como é ser jovem nesse contexto de violência?

Como buscar compreender suas experiências de violência? Para Heidegger, o ser-aí (*Dasein*) se caracteriza pela sua relação incessante com o mundo e pelas infinitas possibilidades de ser, ou seja, a violência, nas suas diversas formas de manifestação, se apresenta como sendo parte integrante do mundo de alguns jovens e se relaciona diretamente com suas possibilidades e abertura que lhes são oferecidas. Com isso, é impossível refletir sobre as implicações da violência sob as experiências dos jovens sem pensá-los como seres de existência pautada na abertura para o mundo e pelas possibilidades de ser-com-outros, existindo e se fazendo existir diante da sua liberdade de poder-ser.

2. SER ADOLESCENTE E A VIOLÊNCIA

A violência praticada nos centros urbanos, diariamente exibida pela imprensa, tem chocado a população e motivado pesquisadores de diferentes áreas a estudar seus processos. Em um número considerável das ocorrências policiais, os adolescentes aparecem como autores e, grande parte, vítimas, especialmente de morte violenta, o que evidencia não só um problema de segurança pública, mas também de saúde pública e de educação. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – considera o jovem até 18 anos como inimputável, ou seja, todo adolescente que porventura praticar um ato infracional não pode ser julgado como se fosse adulto, segundo doutrina que estabelece a criança e o adolescente como sujeitos de direito à proteção integral, o que não implica deixar o autor de ato infracional isento de consequências, mas submetê-lo às normas de legislação especial (Gallo & Williams, 2008).

Por que cada vez mais esses adolescentes estão envolvidos em atos violentos? O que faz a sociedade se chocar, mas, ao mesmo tempo, ser tão indiferente? Medo? Insegurança? Os jovens são realmente violentos?

No Brasil, essa produção de infâncias e juventudes perigosas tem se expressado, ao longo de todo o século XX e ainda hoje, através da prática de internação das crianças e jovens, geralmente, pobres, que cometeram algum ato infracional. Esse método ganhou propulsão, em especial, após a emergência do Juizado de Menores, em 1923, criado para solucionar o problema da infância e juventude desassistidas. Tal política de internação se fortaleceu, sobretudo, nos dois períodos ditatoriais brasileiros, com a criação de órgãos como o Serviço de Assistência ao Menor (SAM), implantado em 1941 durante o Estado Novo, e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), que surgiu em 1964 durante o período da ditadura militar. Esses

estabelecimentos e instituições foram instalados à época da vigência dos Códigos de Menores, e diziam-se destinados a educar e socializar os adolescentes, com a finalidade de prevenção da violência ou preservação do bem estar do jovem. Em realidade, eram locais onde crianças e jovens pobres eram “despejados” e sofriam maus-tratos e privações. Porém, se for observada a realidade situacional hoje, mesmo após o ECA, pode-se dizer que a prática da violência nos internatos não é uma característica do passado. Hoje, em pleno século XXI, tal situação de exclusão pouco mudou e o que se continua a presenciar nesses estabelecimentos é um quadro de superlotação, de falta de equipamentos de educação e de funcionários, de constantes torturas e violações de direitos (Coimbra & Nascimento, 2005).

Com o intuito de pensar, questionar e refletir mais sobre esse assunto propõe-se explicar e discutir, no decorrer deste capítulo, sobre a adolescência, seus direitos e deveres, bem como a relação entre violência e sociedade no que se refere ao jovem.

2.1. Adolescência como uma construção social

A adolescência é um conceito que sugere várias interpretações, algumas remetem à faixa etária, outras a uma etapa de transição entre a infância e a fase adulta. O que se sabe é que a adolescência é um termo bastante encontrado ao longo da história da humanidade, às vezes definido como um lugar ou função social e inexistindo em outros momentos.

Na psicologia, o conceito de adolescência está fortemente ligado a estereótipos e estigmas, desde que Stanley Hall a identificou como uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade. Essa concepção foi reforçada por algumas abordagens psicanalíticas que a caracterizaram como uma etapa de confusões, estresse e luto também causados pelos impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento. A partir dessas fontes, instalou-se uma concepção naturalista e

universal sobre o adolescente que passou a ser compartilhada pela psicologia, incorporada pela cultura ocidental (Ozella, 2002).

Existem várias teorias que buscam entender e explicar a adolescência. Neste trabalho, a adolescência é entendida como a junção de vários aspectos. Esta é um período situado entre a infância e a idade adulta, fase de importantes e intensas transformações, deixando claro que o desenvolvimento humano acontece ao longo da vida do sujeito. Com relação ao biológico, a adolescência é assinalada por um veloz crescimento dos ossos e início da maturação sexual; no aspecto psicológico ocorre um enorme avanço no desenvolvimento cognitivo; no social, é uma época de ensaios e preparo para a vida adulta. Por fim, todos estes aspectos biológicos e psicossociais estão intimamente vinculados, numa constante e mútua troca com o mundo e com as experiências dos indivíduos ao longo da sua história. A adolescência não se limita apenas ao próprio adolescente, abrange todo o seu meio social, familiar, cultural e sua singularidade, ou seja, todo o contexto no qual se encontra inserido e, especialmente, a sua afetação com o meio (Melo, Barros & Almeida, 2011). Nesse sentido, a adolescência não deve ser entendida como apenas múltiplos acontecimentos a serem percorridos nessa fase pelo sujeito. E sim, compreender que esta não acontece de forma isolada e igual para todos, que também será influenciada pelo contexto cultural, pelas condições sociais e pelas histórias de vida de cada um.

E entendendo, pois, a adolescência para além de mera fase de desenvolvimento, ou período de transição do ser-criança para o ser-adulto, mas também como uma construção única, permeada por dilemas, questões, vivências singulares e variáveis de pessoa para pessoa. O adolescer se desvela enquanto um momento da vida que as possibilidades de ser e de existir no mundo em relação a um contexto social e histórico,

se encontram ainda mais exacerbadas na trama que constitui o *ser-no-mundo* (Azevedo & Dutra, 2012).

Na sociedade contemporânea ocidental, o conceito de adolescência vem sendo formulado desde o século XIX, com o início da Revolução Industrial. Nesse período, os adolescentes começaram a ser concebidos como seres que devem ser preparados para as exigências da fase adulta, pela educação formal, competência para o trabalho e aquisição de capital. Além dessa concepção, essa forma de organização social também provocou mudanças de comportamento nos jovens. Com o surgimento das grandes cidades e aglomeração de pessoas, os adolescentes aproveitavam seu tempo livre e o anonimato para burlar regras e leis; assim surgem os primeiros relatos de adolescentes rebeldes. Consoantes esses primeiros relatos, todo o século XX foi palco para expressões e manifestações dos jovens, como participações em movimentos políticos, militares, expressões de descontentamento e denúncia, além de busca pelos seus direitos. No Brasil, não foi diferente; com a ascensão do movimento estudantil na época da ditadura militar os jovens foram a figura central no combate à censura e aquisição de direitos. Tudo isso contribuiu para que se criasse uma representação social de que a adolescência é um período de rebeldia e violência, instituindo um conceito de que ser adolescente é ser problemático (Trassi & Malvasi, 2011).

Paralelo a esse movimento, surgiu outra adolescência que vivia um processo de estigmatização. Esta, pautada na pobreza, na impossibilidade de escolarização, na necessidade do trabalho precoce, na ausência de políticas públicas e cidadania, vivia à margem do desenvolvimento econômico e da sociedade. Eram os adolescentes pobres que moravam nas periferias, quase não tinham acesso à escola e aos quais eram destinadas posições subalternas quando conseguiam ocupar um posto de trabalho. Ou seja, essa associação entre adolescência e violência está presente nas sociedades ricas e

pobres, sem distinção de classes, mas quando se trata de adolescente pobre, se intensifica. Os jovens ricos são tidos como “excêntricos”, “rebeldes”, “contestadores” devido ao seu acesso à educação, conhecimento e cultura, sendo suas práticas transgressoras mais toleradas socialmente, pois se tratam de insatisfações e protestos. Enquanto os adolescentes pobres são tratados como delinquentes, como potencialmente perigosos, e suas práticas consideradas criminosas, as quais devem ser repreendidas e eles punidos rigorosamente para que não ocorra um novo rompimento da ordem vigente (Trassi & Malvasi, 2011).

Minayo (2001) enfatiza que em todas as sociedades, das atuais até as mais antigas, adolescentes praticando algum ato fora da lei são ações costumeiras, e estes, geralmente, são desculpados, alegando que essas atitudes são eventos próprios à rebeldia da idade. Numa sociedade com tantas desigualdades como a brasileira, essas ações dos adolescentes necessitam ser analisadas com maior cuidado, porque sempre aparecem vinculadas à questão de classe e pobreza. Nas grandes cidades não existem oportunidades para os jovens; nesses casos, se junta o preconceito com a situação de precariedade de projeto de vida, emergindo alternativas como a indústria da droga, o subemprego, ou empregos considerados desqualificados.

Dentro dessa categoria encontram-se, em sua maioria, os jovens que não usufruem das oportunidades e das condições essenciais para a constituição do sujeito cidadão. O seu contexto social, familiar e cultural é de miséria, desorganização familiar, descaso e abandono por parte das autoridades responsáveis. A própria sociedade, com suas minúcias nas relações, em que tudo é temporário e fluido e grande parte dos indivíduos estão permanentemente confrontados com sua condição de desamparo, insuficiência e vulnerabilidade, adicionada à falta de apoio e respaldo do Estado e das demais instituições políticas, favorece para a manutenção da representação do

comportamento violento dos jovens como forma de explicar o comportamento individual num contexto social hostil.

O individualismo da sociedade moderna vem provocando transformações culturais e econômicas, como a desigualdade social, a prática de atividades ilícitas e a cultura de consumo, além da geração de conflitos e a banalização das situações de violência pela sociedade. Aliado a esses fatos, testemunha-se a ineficácia do sistema público em garantir a cidadania, gerir e manter a ordem pública, atendendo às demandas sociais, principalmente daquelas camadas da população que precisam lutar para manter sua segurança e sobrevivência. Ser vítima, testemunha ou agente de violência são condições que podem ser experienciadas na história do desenvolvimento de uma pessoa. Mesmo as experiências não vividas pessoalmente são trazidas à tona em detalhes pela mídia, como assassinatos, atividades terroristas, e mesmo os desastres naturais. Esses eventos geram, ao mesmo tempo, o medo e a adaptação à violência (Antoni & Koller, 2002). Com isso, não se trata apenas de um problema focal no qual o combate deve ser contra a pessoa que pratica ou dando assistência a quem sofre. A violência deve ser problematizada e refletida como um todo.

2.2 Histórias das ações de proteção à criança e ao adolescente no Brasil

A história das ações de proteção à criança e ao adolescente no Brasil mostra que essa preocupação é antiga e que surgiu aliada ao crescimento do problema social e das buscas de regularização da situação nacional. O primeiro Código de Menores e o Serviço de Assistência ao Menor (SAM) tinham como enfoque a tentativa de controle a partir da regularização e repressão das crianças e adolescentes que estavam, de alguma forma, em situação irregular. Somente em 1964 é que surge a Lei nº 4513/64 com o propósito de oferecer ações assistencialistas a essas crianças e adolescentes em situação

de irregularidade. Porém, o que foi constatado na prática é que esse “novo” modelo assistencialista sempre conviveu com as práticas repressivas herdadas do SAM. Foi apenas no final dos anos 1970 que começaram a ganhar repercussão nacional alguns movimentos sociais que pregavam uma nova forma de compreender a criança e o adolescente, como sujeitos da sua própria história e criticando as condutas de rotulação, repressão e aprisionamento que eram praticadas no país. Como resultado dessas ideias, em 1990 foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA selando esse novo paradigma na abordagem das questões relativas a crianças e adolescentes. Com isso, ocorre uma transição de ações que saíram da concepção do adolescente em situação irregular para adotar medidas de proteção integral, nas quais todas as crianças ou adolescentes brasileiros são considerados sujeitos de direito e em fase especial de desenvolvimento, requerendo, portanto, a proteção integral do Estado, garantindo, por lei, inúmeros direitos específicos (Silva & Guaresí, 2003; Espíndula & Santos, 2004).

Com a mudança de paradigma e a consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi instaurado o compromisso e a responsabilidade do Estado e da Sociedade Civil de efetivar medidas eficientes e eficazes para os adolescentes que cometeram algum ato infracional, além da oportunidade de desenvolvimento e da possibilidade de uma autêntica experiência de reconstrução de seu projeto de vida. Dessa forma, esses direitos estabelecidos em lei devem repercutir diretamente na materialização de políticas públicas e sociais que incluam o cumprimento das leis e a participação dos adolescentes. Para isso, foi construído o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE que se refere à regulamentação e organização de todas as medidas privativas de liberdade (internação e semiliberdade), as não privativas de liberdade (liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade) e a internação provisória. Além de ordenar princípios, regras e critérios, de caráter jurídico,

político, pedagógico, financeiro e administrativo, que envolve desde o processo de apuração de ato infracional até a execução de medida socioeducativa, delegando competências dos sistemas estaduais, distrital e municipais, bem como todas as políticas, planos, e programas específicos de atenção a esse público (Brasil, 2009).

Segundo o Art.103 do ECA, considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal (Brasil, 2006). Comprovado o ato infracional, o adolescente deverá cumprir medidas socioeducativas que são ações responsabilizadoras, de natureza sancionatória e conteúdo socioeducativo, aplicadas somente a adolescentes sentenciados em razão do cometimento de ato infracional. De acordo com o ECA, as medidas socioeducativas aplicadas aos adolescentes julgados são: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação. Pelo próprio conteúdo das medidas, está assegurado nessas ações que estas devem sempre envolver o contexto social em que se insere o adolescente, isto é, a família, a comunidade e o Poder Público devem estar necessariamente comprometidos para que se atinja o fim almejado de inclusão desse adolescente (Brasil, 2009).

2.3 Pensando o Ser Adolescente a partir da Analítica Existencial

O ser-aí (*Dasein*), maneira como Heidegger (1927/2011) denomina o modo de ser do homem, se diferencia dos demais entes por ter a possibilidade de se questionar sobre o seu próprio ser. Este é entendido como um ente que não possui nenhuma determinação essencial, e sim, constituído a partir das suas múltiplas possibilidades. O ser-aí se caracteriza também pela sua relação com o mundo. O ser do homem se concretiza a partir das possibilidades que lhes são atribuídas ao mundo e pelo mundo (Casanova, 2009).

Heidegger (1927/2011), nas suas elaborações filosóficas, compreende o homem como um ente possuidor de um modo de ser que, além do seu caráter de existir no mundo, está pautado no tempo presente, com seu modo de ser concebido em uma temporalidade específica. Pensando no momento da adolescência, esta pode ser entendida como um momento presente do homem que reflete a sua historicidade, suas experiências quando criança e se lança num projeto de futuro como adulto. Ou seja, o passado atuando de forma constante sobre o presente e influenciando como o presente é constituído, sem negar a influência capital de ser co-originário ao mundo e das suas constantes relações. As experiências e vivências de qualquer adolescente podem ser interpretadas como o conjunto das ligações entre o ser adolescente e o mundo que caracteriza a sua época.

Ao mesmo tempo em que o Ser é constituído em um mundo e a partir da sua historicidade e temporalidade, este também se concretiza através das relações. Como Heidegger (1927/2011 pp. 260) destaca “Porque, em sua essência, o ser-no-mundo é cuidado”. Na Analítica Existencial, o cuidado é assumido como um traço fundamental que caracteriza o Ser como presença, pautada no horizonte do poder-ser (Fernandes, 2011). O cuidado é o ser do ser-aí, ou seja, quando o ser-aí de fato é ser-no-mundo é definido no modo do cuidado. Esse cuidado se dá nas relações que o *Dasein* estabelece com os entes e com os demais seres-aí, como forma de abertura do mundo. Com relação aos entes, estes são colocados à disposição para diversos uso; para esta forma de cuidado Heidegger denominou de Ocupação (*besorgen*), quando as relações se dão entre os seres-aí, estas são definidas como solícitude (*Fürsorge*). Essas duas formas de cuidado somente são possíveis devido à estrutura do ser-aí enquanto cuidado, visto que, antecipando-se-a-si, pelo fato de já-ser-em, bem como escolhendo suas possibilidades através de seu poder-ser, é que o ser-aí pode ocupar-se com utensílios e preocupar-se

com pessoas. E é nesse exercício de concretizar laços que o Ser assume o seu poder-ser mais original, um poder-ser-no-mundo e um poder-ser-com-o-outro (Almeida, 2008; Fernandes, 2011).

Tais relações com os entes assumem um caráter, em princípio, e muitas vezes, de uso dos demais entes, os objetos, os quais são encarados como utensílios predeterminados a um uso específico que lhes foi atribuído anteriormente (Heidegger, 1927/2011). A ocupação é o conceito que define o uso específico, que o ser-aí faz destes outros entes que vem ao encontro para o uso. Os entes tem a possibilidade de estar disponíveis, estando aí para o ser-aí ocupar-se com eles.

Ao mesmo tempo em que o Ser é constituído em um mundo e a partir da sua historicidade e temporalidade, este também se concretiza através das relações. Como Heidegger (1927/2011 pp. 260) destaca “Porque, em sua essência, o ser-no-mundo é cuidado”. Na Analítica Existencial, o cuidado é assumido como um traço fundamental que caracteriza o Ser como presença, pautada no horizonte do poder-ser. Com relação aos demais seres, Heidegger parte da análise da ocupação com entes para destacar que o ser-aí é sempre um ser-com (*Mitsein*). No momento em que o Ser se percebe no mundo e que neste há outro igual ao ser-aí é que se abre a possibilidade para considerar-se o ser-aí como ser-com (*Mitsein*). Sendo assim, as relações entre o ser-aí e o outro são denominadas de solícitude (*Fürsorge*). Mesmo na solidão e no isolamento ou quando está rodeado por outros, o ser-aí confirma esta estrutura existencial básica, de ser-aí-com-o-outro. Esse modo de cuidado para com o outro pode ser apresentado das mais diversas formas, na indiferença com o outro, no amar, no odiar, todos são modos de solícitude.

A solícitude, como já foi exposta acima, pode se apresentar nos mais diversos modos de se relacionar com o outro. Esse cuidado pode ser autêntico, modalizado

através da disposição fundamental de angústia, que representa o cuidado em sentido forte, já que o ser-aí retorna a si mesmo e ao seu poder-ser. No cuidado inautêntico, o ser-aí não está voltado para o seu próprio ser, mas está inserido no mundo do a-se-fazer, lidar, manejar e usar... utensílios (*Zeuge*) e amparar, proteger, amar e odiar... pessoas (Almeida, 2008).

Embora o *Dasein* se relacione, essencialmente, através da preocupação, de início e na maior parte das vezes, apreende a si mesmo e aos outros, a partir do contexto de disponibilidade de uso, como um ente cujo modo de ser fosse simplesmente dado. Isso se dá devido à imersão nas relações pautadas na Era da Técnica moderna, as quais se caracterizam pelo modo de ser da egoidade, individualidade, interioridade em contraposição ao mundo exterior e separado dos outros sujeitos. Desta forma, o homem desvela a si próprio e ao outro como “fundo de reserva” disponível ao uso. Remete, assim, à determinação instrumental da técnica, ao desvelar-se e ao outro como meios para um fim (Sá, Mattar & Rodrigues, 2006).

Constituindo-se em um mundo e aberto às infinitas possibilidades, o ser-aí, comumente, se deixa levar pelas orientações dadas pelo mundo e pelos demais, sem se voltar para si e pensar sobre ele, apenas absorve o que é dado. Assim, se submete ao discurso comum e reflete isso com comportamentos de repetição e continuidade de algo já posto. Com isso, o ser-aí se vê imerso no modo de ser impessoal (*man*) não dando abertura para suas possibilidades de poder-ser. Esse modo impessoal de ser não se caracteriza como algo ruim que deve ser combatido e modificado; trata-se do modo básico do ser-aí conviver com o mundo. O impessoal não age como uma força que impõe o que deve ser feito, muito menos obriga o ser-aí a constituir sua existência baseada em diretrizes predeterminadas. Ele apenas apresenta de maneira estável e

confortável as coisas e as possibilidades de lidar com elas encaixando-as nos modos de poder-ser (Casanova, 2009).

Nesse ponto, refletindo o pensamento heideggeriano, se faz pertinente abrir um caminho de diálogo com o que Heidegger chamou de “Era da Técnica”, compreendendo a técnica como uma atividade inerente ao homem e propriamente entendida como um meio para um fim, como uma relação instrumental de causalidade. É válido, nesse ponto, ressaltar que, na sociedade contemporânea, o que prevalece nas relações é a técnica moderna, sendo esta não mais um instrumento do descobrir e desvelar de sentidos, reveladora do que se oculta, mas um sentido descobridor explorador marcado pelo individualismo e consumismo, no qual os entes, simplesmente dados e até mesmo os *Daseins* atingem um caráter de estar disponível enquanto energia para exploração e uso (Sá, Mattar & Rodrigues, 2006). Isso pode ser visto nas relações que os próprios adolescentes desenvolvem, nos seus comportamentos impulsivos, na necessidade de realizar desejos a qualquer custo. E entendendo para tanto, conforme já discutida, a questão central que emerge na era da técnica é pautada no imediatismo e na automatização e embasa todas as relações na busca pela eficácia e produção em massa, em meio a um pensamento cada vez mais calculante e cada vez menos meditante.

Casanova (2009) afirma que uma das condições existenciais do ser-aí é a impossibilidade de fixar o ser em uma figura específica, ou seja, para entender o ser, se faz necessário compreender sua dinamicidade e sua constituição em diversos modos de ser. Ou seja, ser adolescente é se deparar constantemente com a fluidez e não fixação das relações e sentidos. Sendo esses modos de ser correlacionados com o mundo, o *Dasein* se concretiza a partir das possibilidades que lhes são abertas e apresentadas por seu mundo. Jogado nessa imensidão de possibilidades e na facticidade do mundo, o ser-aí, na maioria das vezes, se vê absorvido no campo dos entes, da impessoalidade,

repetindo comportamentos anteriormente postos, como a disseminação da violência. Assumindo, assim, comportamentos práticos em relação aos objetos, às coisas e aos demais entes, adotando as relações de ocupação. Jogado no mundo e imerso na imensidão das possibilidades, o ser-aí se deixa levar pelos movimentos do mundo, numa total absorção, sem se dar conta das possibilidades do seu poder-ser que lhe é próprio. Por muitas vezes, o ser se deixa levar pelo impessoal e se distancia de si se deparando com a angústia, que nasce como um desabrochar do próprio caráter de poder-ser, sendo esta constitutiva do ser.

A questão a ser refletida está no posicionamento de Spanoudis (1981) quando este diz que o cotidiano do ser-aí é marcado pelo impessoal. Contudo, com o advento da tecnologia e a exacerbação do consumo, as preferências da opinião pública alcançaram um poder de imposição através dos meios de comunicação. Cada vez mais o modo de ser dos homens está direcionado a esses valores e discursos massificados. O homem fica mais distante, protegido e acomodado com o que recebe, absorvendo sem refletir sobre o que o mundo oferece. Assim, ninguém se sente responsável, pois a responsabilidades estará sempre no outro. Deixando claro que não se trata de um modo de ser vazio, mas sim, um que acomoda a todos que estão distantes de si.

A filosofia de Heidegger foi elaborada a partir dos questionamentos lançados ao mundo por este, emergidos em questões do início do século XX. Contudo, este modo de pensar o homem e suas relações se faz valer no mundo presente quando se abre espaço para refletir sobre a realidade atual das relações na sociedade contemporânea, incluindo-se a brasileira, que remetem a esse modo de ser e estar no mundo descrito por esse filósofo.

É como destacam Trassi e Malsavi (2010) quando afirmam que comumente se divulga a responsabilização de um problema social de um comportamento violento do

adolescente como sendo, sempre, culpa deste. Com esse discurso, os demais desconsideram as conjunturas macrossociais e políticas, como a nova ordem econômica mundial, as mudanças tecnológicas, os padrões de relacionamento, consequências dos seus próprios atos e ações, e foca a responsabilidade sempre no individual. Assim, a sociedade se sente isenta da culpa dos problemas que lhes afligem, alegando serem resultados de “patologias”, “desestrutura familiar”, “vícios de drogas”, “pais ausentes”. Essa busca por culpados e razões externas faz com que todos se distanciem da condição existencial de ser-no-mundo-com-os-outros, se mantendo na propagação do discurso do impessoal. Perder-se no impessoal significa se manter nos modos de distorção e fechamento através da falação, da curiosidade e da ambiguidade.

Aliada a essa individualização do fenômeno, a sociedade contemporânea é cada vez mais bombardeada pela mídia com notícias policiais, crimes e envolvimento de jovens com delitos, fazendo disso espetáculos diários de violência, criando uma situação curiosa de passividade. Essa naturalização do fenômeno é um resultado comum aos episódios ocorridos corriqueiramente, transformados em cenas do cotidiano de qualquer um e repetidas várias vezes. O que leva os indivíduos a procurar e criar defesas contra o próprio sofrimento de ter que se deparar com isso constantemente com sofrimento do outro e de si mesmo. “Uma das defesas é a indiferença, outra expressão da violência” (Trassi e Malvasi, 2010, pp. 42).

Ou seja, enquanto um Ser lançado no mundo, este já se encontra imerso nos caminhos da impessoalidade e cabendo-lhe apenas buscar o retorno a si mesmo e sair do discurso sedimentado. Questionar o que já está posto e buscar a ele mesmo. Mas, como a impessoalidade é entendida como um modo de ser, existir já é de início se distanciar do próprio poder-ser. Contudo, o ser-aí pode suspender as possibilidades de poder-ser e

adquirir um modo de ser baseado na aparente consistência, promovendo em si uma tranquilidade (Casanova, 2009).

Na cotidianidade, na imersão do impessoal, não espaço para questionamentos, em virtude aparente e suposta evidência e obviedade, encobrendo as possibilidades de um poder-ser mais próprio. A fuga de si mesmo é uma das características fundamentais do modo de ser cotidiano, que se sustenta exatamente na ocupação com as distrações e ações sem fim, propiciadas pelo impessoal. Sair dessa situação superficialmente cômoda e conhecida se faz necessário um caminho para se ter acesso ao poder-ser. Heidegger propõe a angústia (*Angst*) como essa disposição afetiva que reúne as condições necessárias para realizar esta abertura do *Dasein* para si mesmo (Seibt, 2009).

Ao cair no mundo fático o Ser se oculta cada vez mais do seu poder-ser. No momento em que a angústia vem à tona, o *Dasein* já tem rompido com a decadência do mundo das ocupações cotidianas e se rearticula diretamente com seu poder-ser, experimentando ser si mesmo (Casanova, 2009).

Se na cotidianidade o *Dasein* reproduz e valoriza a sensação de conforto, segurança e tranquilidade, a angústia introduz a estranheza total, afasta a familiaridade que o *Dasein* tem tanto consigo mesmo como com os demais entes. A angústia representa o desconhecido, o desalojamento, o desamparo, retira da absorção na cotidianidade. Ela mostra que a ausência de necessidades, a busca de familiaridade e de segurança na cotidianidade é uma fuga da radical situação de estar jogado no mundo e de estar entregue a si mesmo. Ela desvela o fato de o ser do *Dasein* estar entregue a si mesmo, de ter de ser e torna-o novamente estranho para si mesmo (Seibt, 2009).

O que se percebe é uma clara distinção entre ser adolescente pobre e ser adolescente rico, contudo, todo adolescente ama, estuda, briga, trabalha, batalha e se transformam. Além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura

um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos. Ou seja, partimos de uma perspectiva teórica na qual elaborar conclusões sobre a concepção atual de infância e da adolescência na contemporaneidade evidencia-se uma tarefa impossível de ser realizada. A compreensão da impossibilidade de se tomarem as grandes narrativas como verdades cristalizadas, a certeza da multiplicidade de vivências e de seus significados que se ancoram nas também múltiplas historicidades, a aceitação da parcialidade das verdades, são elementos que não podem ser deixados de lado (Frota, 2007).

Após essa breve contextualização sobre o tema desta pesquisa sobre violência, adolescência e a perspectiva teórica heideggeriana que norteia todo esse estudo, a partir de agora entraremos de fato nas experiências de violência de adolescentes autores de ato infracional. Seguiremos com o método e a estruturação da pesquisa, logo após teremos a interpretação, para assim finalizarmos com as considerações finais.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração fenomenológico-hermenêutica. Esse estudo buscou compreender a experiência de adolescentes que vivenciam a violência. A pesquisa parte de uma ótica que considera o sujeito como ser integrado ao mundo, constituído a partir de uma historicidade e temporalidade.

Nesta perspectiva, segundo as idéias heideggerianas (Heidegger, 1927/2011), compreender é buscar os sentidos que o homem atribui ao mundo. É encontrar o sentido que um fenômeno tem para a pessoa. Na verdade, trata-se de realizar uma interpretação hermenêutica sobre as experiências dos jovens, isto é, buscar o desvelamento do ser que se mostra na linguagem, que se encontra mergulhado na cotidianidade da sua existência e que se revela na relação com o outro.

Toda compreensão é um projetar-se para as possibilidades enquanto abertura. Esse projetar, que é inerente ao compreender, oferece ao *Dasein* a possibilidade de elaborar sobre. Heidegger (1927/2011) denomina essa elaboração de interpretação. Para o autor, toda compreensão e, conseqüentemente, toda interpretação, tem um valor afetivo, um “humor”, isto é, sempre existe a afetação de quem interpreta. O pesquisador não é neutro, não existindo, portanto, uma compreensão fora do contexto de ser-no-mundo. Assim, o intérprete não impõe sua pré-compreensão a respeito de um fenômeno, mas deixa que este surja e fale por si, confrontando criticamente com as possibilidades que traz.

Heidegger (1927/2011) explicita que toda interpretação do Ser parte essencialmente de uma posição prévia, visão prévia e uma concepção prévia. Qualquer interpretação não se restringe apenas a uma mera apreensão de um dado preliminar, pois estará sempre afetada por pressuposições. Isso se dá, em razão de quando se busca interpretar algo, a interpretação se revela numa integração de três momentos

fundamentais. Essa sempre se volta a uma posição prévia (*vorhabe*) compreensão anterior que possibilita as articulações com o que há de ser interpretado. O segundo momento possibilita um recorte sobre a posição prévia determinada pela interpretação. A visão prévia (*vorsicht*) indica a perspectiva em que se encara e circunda o conjunto de articulações possíveis. A concepção prévia (*vorgriff*) trata-se da união e apropriação da posição prévia e da visão prévia, conjecturando a interpretação através de uma determinada conceituação.

Mattar e Sá (2008) afirmam que “(...) intérprete e fenômeno interpretado interagem mutuamente um sobre o outro para a produção de um horizonte comum onde a interpretação se dá. Tal processo implica a auto-compreensão do intérprete no processo de compreensão do outro” (p. 199). Desse modo, a compreensão nessa perspectiva é entendida como abertura, como possibilidades que o homem traz em seu existir.

Tal compreensão da experiência humana, segundo Dutra (2002), é obtida a partir da própria narrativa do indivíduo, já que através desta o narrador nos conta sobre a sua experiência, “dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude”. (p. 374). Nesse sentido, a técnica da narrativa aproxima a experiência do indivíduo, tal como esta é vivenciada por ele, permitindo que o pesquisador faça parte dela, sensibilizando-se e atribuindo seus próprios significados, ao invés de somente absorver e procurar explicações. “A narrativa, portanto, ao considerar essa dimensão do mundo vivido, nos sinaliza com a possibilidade de aproximação do outro, sem que se perca a principal característica que o distingue no mundo, que é a existência”. (p. 377-378).

Sodré (2004) afirma que ao focar a história, tanto no nível mais amplo e coletivo como no nível pessoal das identidades narrativas e das histórias de vida,

lançam-se bases para uma compreensão histórica, cultural e temporal dos colaboradores que pode ser extremamente enriquecedora para a psicologia. As relações e ações humanas inserem-se num processo mais amplo de criação e transformação do mundo, de si - mesmo, da relação com o outro e sociedade.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas-narrativas com os jovens sobre a experiência e os sentidos atribuídos ao seu contexto de violência. Partiu-se da ideia de que a entrevista propicia um espaço de abertura, diálogo e reflexão sobre a experiência narrada. A entrevista-narrativa foi realizada de forma individual, gravada em áudio e conduzida pela pesquisadora e teve como ponto de partida uma questão inicial “Me fale um pouco sobre suas experiências de violência...”.

As entrevistas foram realizadas com dois adolescentes de 16 e 17 anos, egressos de medida socioeducativa de restrição de liberdade. Estes foram acessados através do Programa de Encaminhamento ao Mercado de Trabalho – PROENT. Projeto vinculado à FUNDAC e que tem como atividade principal servir de intermédio entre o jovem e as possibilidades de estágio e atuação profissional. Com isso, conseguimos uma lista de adolescentes do Estado, egressos de medidas socioeducativas diversas, como também os seus contatos e dos seus responsáveis. Os adolescentes foram apresentados à pesquisadora que informou sobre a pesquisa e convidou-os a participarem. Durante a realização da pesquisa, todos os procedimentos éticos foram seguidos, de acordo com as recomendações da APA, como a solicitação da assinatura dos adolescentes, bem como dos seus responsáveis, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após as entrevistas, a pesquisadora registrou as informações absorvidas das narrativas utilizando um diário de registros e impressões que serviu, posteriormente, para interpretação e análise.

Interpretação

Para compor a interpretação, foi utilizado um diário de campo com anotações feitas pela pesquisadora logo após cada entrevista, este sendo composto por impressões, afetações e experiências da pesquisadora. Após as transcrições das narrativas, estas foram interpretadas a partir dos sentidos que se revelaram no discurso, das impressões da pesquisadora e do diálogo com os autores (Maux & Dutra, 2009). Dessa forma, a partir dos sentidos e das vivências do que se interroga, pode-se chegar a um maior desvelamento do fenômeno em questão, no sentido de “ampliar a compreensão do aspecto da existência humana a que se lançou” (p. 80). (Bruns & Trindade, 2001). Por fim, após a leitura e interpretação das narrativas, foi promovido um diálogo dos relatos com a revisão bibliográfica, os pressupostos teóricos e as impressões pessoais do pesquisador, buscando alcançar os objetivos do trabalho e responder às questões anteriormente levantadas sobre o fenômeno de como os adolescentes autores de atos infracionais vivenciam a violência em seu cotidiano a partir de suas experiências. Essas experiências, sentidos e impressões serão acessadas pelo leitor a partir de agora com a apresentação do diário de campo da pesquisadora e com as narrativas dos adolescentes.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE A PESQUISA

Heidegger (1927/2011) considera que uma das constituições fundamentais do ser é ser-no-mundo e esta deve ser entendida como unidade, sendo impossível compreendê-la separadamente. O ser é simplesmente no mundo, não podendo ser entendido como apenas pertencente a este ou dentro deste, as duas instancias são indissociáveis. Nesse sentido, aqui realçamos a importância de se considerar a relação homem-mundo, co-originária do Ser. O Ser é essencialmente social e constituído como ser-no-mundo-com-os-outros. Com isso, o horizonte das experiências, das relações e do socialmente construído são elementos importantes para o desenvolvimento do ser, como também para interpretação e compreensão das vivências do *Dasein* (Dutra, 2008; Feijoo, 2011).

Buscando a coerência entre a perspectiva teórica que embasa este trabalho e os elementos que constituem a pesquisa, o texto, a partir de agora, adotará um caráter diferente. Assumindo a ideia de que todos nós somos seres constituídos e constituintes do mundo e temos por fundamental a compreensão, a primeira mudança será a forma gramatical que será narrado o texto, sempre na primeira pessoa do singular. Deixando claro que nós – pesquisadora e colaboradores – fazemos parte da construção de uma interpretação sobre as experiências de violência dos adolescentes. E, para constituir essa interpretação, exponho ao leitor, primeiramente, o diário de campo, no qual constam as minhas primeiras impressões, sentidos e interpretações sobre o contexto das medidas socioeducativas do Estado do Rio Grande do Norte.

Para obter acesso às experiências dos nossos colaboradores, percebi a necessidade de conhecer o ambiente, o funcionamento e o contexto de atendimento aos socioeducandos e, com isso, produzi um diário de campo. Foram realizadas visitas às instituições que coordenam e executam a medida socioeducativa de semiliberdade. Nessa medida, os adolescentes ficam internos na unidade durante a semana. Eles só

possuem autorização para sair durante a semana se exercerem um trabalho ou para ir à escola. Somente nos finais de semana é que eles recebem a autorização para sair da unidade, porém devem cumprir horários para sair e para voltar. As demais saídas ficam proibidas. Contudo, o ambiente institucional difere dos demais que executam a medida de internação porque não é para existir um caráter físico de prisão com grades e cadeados. As fechaduras são simbólicas e os adolescentes devem ter livre acesso aos ambientes da unidade.

Fui cordialmente bem recebida por todos que constituem as equipes técnicas e administrativas da Unidade e o clima era de acolhimento e aparente tranquilidade. Entretanto percebi que as dificuldades de funcionamento esbarram na burocracia excessiva, na falta de recursos financeiros, materiais e de pessoal qualificado o que acaba engessando o sistema socioeducativo e a não aplicação das diretrizes estabelecidas pelo ECA e pelo SINASE. O que vi foi um ambiente de completo ócio; não existiam atividades diárias a serem cumpridas; não existia planejamento funcional; e nem uma motivação para a mudança. Isso tanto por parte da equipe quanto dos adolescentes. Estes, por determinação judicial, estavam todos matriculados em escolas do bairro, mas nenhum deles frequentava porque não tinham interesse de ir e também não tinham o vale-transporte que deveria ser obrigação do Estado oferecê-lo. Não tinham hora para acordar, mas na Unidade também não havia regras sobre funcionamento e horário estabelecidos. Não tinham atividades educativas e/ou profissionais e, quando oferecidas, os adolescentes não participavam, pois não demonstravam interesse.

Como já foi descrito anteriormente, a tranquilidade era só aparente. Numa dessas visitas, em que eu tinha planejado a reunião com os adolescentes para apresentar-lhes o projeto e convidá-los a participar, fui aconselhada pela equipe técnica a não realizá-la,

pois naquele dia eles iriam receber a inspeção do promotor de justiça na Unidade. Descreveram-me que, quando este visita a Unidade, sempre vem acompanhado de uma equipe de policiais militares que realizam revistas nos dormitórios dos adolescentes e sempre apreendem armas brancas e drogas, o que geraria um clima de tensão e agitação entre os adolescentes. Fui embora antes dessa visita e, escrevendo neste diário, me questionei porque não fiquei lá para acompanhar. Tive medo. Não medo dos adolescentes, mas dos policiais, do comportamento hostil e truculento que imaginei acontecer. Senti-me intimidada. Esse não seria mais um tipo de violência? Poderia conjecturar facilmente como seria com os adolescentes.

Na semana em que estive nessa Unidade, aconteceu um fato de grande repercussão na mídia local. Um dos adolescentes internos assassinou um colega, também socioeducando, com uma arma branca dentro da Unidade, por motivo de vingança. Foi uma confusão generalizada, os adolescentes arrombaram a porta da cozinha e pegaram instrumentos perfurocortantes e começaram a brigar. Foram os funcionários de plantão aqueles que tentaram conter os adolescentes armados. O resultado foi um adolescente morto e outros feridos, tanto meninos quanto funcionários. Não presenciei o fato, tomei ciência pela mídia. Três dias após o ocorrido fui visitar a Unidade que estava com suas atividades com os adolescentes suspensas por ordem judicial, só encontrando-se lá os funcionários que, por coincidência, eram os mesmos que estavam de plantão no dia da confusão. A sensação absorvida pelo ambiente era ambígua, por alguns momentos o que transparecia era tensão, trauma, medo do que foi presenciado, em outros era alívio por não ter nenhum adolescente lá.

Era comum a todos a sensação de insegurança e impotência no seu ambiente de trabalho. Insegurança porque entendiam que lá não existia estrutura física adequada para comportar os adolescentes tidos como violentos e agressivos. Para eles, o correto era ter

grades, isolamento e contenção dos meninos. Impotência, devido os educadores e funcionários, que são os que lidam diretamente com os meninos, não terem apoio da instituição que coordena o serviço para a realização de atividades, pois não existem diretrizes e muito menos foco no objetivo de educar e ressocializar, que o sistema de medidas se propõe a cumprir. Os adolescentes são retirados de um contexto violento e remanejados para unidades que não oferecem nenhum tipo de perspectiva de mudança. Os meninos passam o dia ociosos, o sentimento compartilhado por esses funcionários é de que não há como esperar que os adolescentes modificassem seus comportamentos se não existe um comprometimento da instituição de propor alternativas e atividades de educação e profissionalização, ou seja, cumprir o seu papel.

Castro e Guareschi (2008) relatam que é comum nos discursos dos profissionais que trabalham na execução das medidas, a perspectiva de que os adolescentes são irrecuperáveis, de comportamento agressivo e desafiador e que não respeitam ninguém. São os educadores que estão na ponta do sistema, são eles os responsáveis pela execução das medidas. Contudo, se pensarmos como um sistema no qual existem os profissionais que executam, porém permanecem impossibilitados de realizar suas atividades porque as instancias superiores, responsáveis pela elaboração, funcionamento e normas do sistema, não cumprem seu papel, como podemos culpá-los pela não execução das atividades? Tal como, subindo a pirâmide institucional, aqueles que instituem e oferecem suporte técnico não organizam seus deveres laborais, pois falta gestão eficiente, teríamos como culpá-los por reproduzirem a ideia comum à sociedade sobre esses adolescentes? Poderíamos ir mais além: seria válido condená-los por desejarem reproduzir o sistema prisional com os adolescentes que cumprem medidas se, na realidade, essas medidas não são cumpridas?

Esses contatos iniciais só nos mostram como está frágil e desorganizada a estruturação estadual dos projetos de medidas socioeducativa e acolhimento infanto-juvenil. Constatei como os profissionais estão despreparados e desalojados e, a partir disso, pude conhecer melhor o contexto do amparo institucional que esses jovens recebem.

TECENDO AS HISTÓRIAS DA PESQUISA:

Da interdição da Unidade de medida socioeducativa até o primeiro contato com um adolescente, foram quase dois meses de intensa busca e articulação de contatos. Devido à dificuldade de encontrar com os meninos e meninas através das instituições, fomos procurar novos caminhos até conseguirmos ter acesso ao Programa de Encaminhamento ao Mercado de Trabalho – PROENT. Este é um Projeto vinculado à FUNDAC que tem como atividade principal servir de intermédio entre o jovem e as possibilidades de estágio e atuação profissional. Com isso, conseguimos uma lista de adolescentes do Estado, egressos de medidas socioeducativas diversas, como também os seus contatos e dos seus responsáveis.

Com essa lista em mãos foram realizadas inúmeras tentativas de contato, a maioria frustrada. Em alguns, os próprios pais já comunicavam que os adolescentes não iriam, afirmando que estes eram rebeldes e desinteressados. Outros pais, quando eu me apresentava como pesquisadora e psicóloga, utilizavam esse contato como um desabafo, contando as dificuldades enfrentadas pela família e pelo adolescente. Até que consegui uma mãe que se prontificou a levar seu filho para a entrevista e de repassar para ele do que se tratava, cumprindo rigorosamente o nosso encontro e disponibilidade do seu filho para nossa conversa, que foi realizada numa sala de atendimento do Serviço de Psicologia Aplicada – SEPA/UFRN. A segunda, uma adolescente, logo no primeiro contato, sua mãe deu a autorização para a entrevista e informou que não poderia intermediar o encontro, pois estava grávida e poderia ter bebê a qualquer momento e solicitou que eu falasse diretamente com a filha. Após várias conversas por telefone explicando do que se tratava a pesquisa e convidando-a para participar, a adolescente concordou com a conversa. Contudo, foram marcados vários encontros e ela não

compareceu, até que dias depois da última tentativa, a adolescente me manda um torpedão dizendo que precisava falar comigo urgente. Foi a própria adolescente quem marcou e eu fui ao seu encontro. Assim, foram realizadas duas entrevistas com dois adolescentes egressos de medidas socioeducativas.

Mas que realidade é essa na qual esses jovens entrevistados estão inseridos? No Rio Grande do Norte, mais precisamente, em Natal, tem se constatado um aumento nos índices de violência urbana, o que não difere dos números obtidos em todo o país. Não são raras as notícias na mídia sobre crimes protagonizados por jovens, tais como os homicídios, tráfico de drogas, assaltos e roubos (Dutra, 2006). Quem são esses jovens? São, em sua maioria, jovens pobres, negros, com baixa escolaridade e moradores de periferia. Entretanto, destacamos a pesquisa realizada por Adorno, Birdini e Lima (1999) que revelou que no período de 1988-1991 no município de São Paulo, o envolvimento de jovens com o crime violento obedeceu ao mesmo padrão observado para a população em geral. Ou seja, a pesquisa concluiu que os jovens não são nem mais nem menos violentos do que a população em geral. Qual o contexto social desses adolescentes de comportamentos violentos? Carlini-Cotim, Gazal-Carvalho e Gouveia (2000) desenvolveram uma pesquisa que buscou comparar grupos de adolescentes de escolas particulares e outro de jovens de escolas públicas sobre comportamentos de risco. Os dados colhidos apontaram, também, que em alguns casos os estudantes da rede particular de ensino apresentaram maiores prevalências de comportamentos de risco à saúde, comparados aos seus colegas da rede pública. Isto contraria o senso comum de que as escolas particulares seriam mais protegidas de certos problemas, como o uso de drogas ilícitas, de álcool e de tabaco, ou mesmo de comportamentos violentos.

A partir de agora nós vamos passear por um mundo, acredito que para muitos como eu, novo e desconhecido da experiência de ser adolescente num contexto de

violência. E eu, como pesquisadora e psicóloga, convido o leitor para se abrir a esse mundo através da compreensão, tendo como possibilidade a interpretação. Ou seja, escutar o outro estando aberto para a possibilidade de ser-com, de compreender.

Quando ouvi as histórias desses dois adolescentes me lembrei de imediato dessa música de autoria de Fernandinho Guará, cantada por Seu Jorge que diz:

Se eu pudesse, eu dava um toque em meu destino, não seria um peregrino nesse
imenso mundo cão

Nem um bom menino que vendeu limão e trabalhou na feira pra comprar seu
pão

Não aprendia as maldades que essa vida tem, mataria minha fome sem ter que
roubar ninguém

Juro que eu não conhecia a famosa FUNABEM, onde foi minha morada desde o
tempo de neném

É ruim acordar de madrugada pra vender bala no trem

Se eu pudesse, eu tocava meu destino hoje eu seria alguém

Seria eu um intelectual, mas como não tive chance de ter estudado num colégio
legal

Muitos me chamam pivete, mas poucos me deram apoio moral

Se eu pudesse, eu não seria um problema social.

Apresentarei agora a história de vida de dois “*pivetes que não queriam ser um problema social*”. Deixamos claro que os nomes citados nas histórias a serem narradas são todos fictícios no intuito de preservar o sigilo e a identidade dos envolvidos.

O primeiro, Rauan, 16 anos, filho mais novo de três, nasceu e cresceu numa cidade do interior do Rio Grande do Norte com cerca de 40 mil habitantes; hoje mora

com sua mãe em Natal e está cursando o oitavo ano do ensino fundamental. Cumpriu nove meses de medida socioeducativa de semiliberdade por agressão e tentativa de homicídio. Obteve redução de medida devido ao seu bom comportamento e hoje cumpre medida de Liberdade Assistida, tendo como dever, delegado pelo juiz, se apresentar a cada três meses no Fórum expondo o boletim escolar com boas notas. Morou com seus pais e irmãos no interior até os 11 anos, quando houve a separação dos seus genitores. Com isso, sua mãe decidiu vir morar na capital do Estado trazendo suas duas filhas mais velhas e deixando o menino mais novo com o pai, decisão esta tomada devido à necessidade de se manter na capital, pois suas filhas mais velhas já podiam trabalhar em casa de família e assim ajudá-la nas despesas e o mais novo ficaria como companhia do pai. Com a separação e a partida da mãe, Rauan relata que seu pai teve depressão e passou a viver em cima de uma cama. Deixou de trabalhar, de comer, só fazia fumar cigarro e dormir. Não dava a devida atenção ao filho e foi a partir dessas circunstâncias que Rauan começou a se envolver com drogas e a praticar crimes para manter o seu vício.

A segunda, Rayane, 17 anos, filha única dos seus pais, porém tem mais três irmãos, dois por parte da mãe e um do pai. Nasceu e cresceu em Natal, hoje mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos. Rayane relata que desde os seis anos gostava de arrumar briga e confusão na escola e em casa com a mãe. Por causa desses conflitos, quando ela tinha oito anos, sua mãe acionou o Conselho Tutelar e solicitou que este órgão encaminhasse sua filha para a Casa de Passagem - instituição que acolhe crianças em situação de risco e violência. Rayane foi destituída da mãe e foi acolhida pela Casa de Passagem II que abriga crianças de sete a doze anos e depois foi para a Casa de Passagem III, para adolescentes de 12 a 18 anos. Aos 14 anos, Rayane foi encaminhada para o CEDUC acusada de agredir um funcionário da Casa e por danos ao patrimônio

público, cumprindo sete meses de medida socioeducativa de internação. Hoje, Rayane cumpre medida de Liberdade Assistida fazendo aulas de violão. Ela foi a primeira adolescente do Estado que cumpria medida socioeducativa de internação e estudava, isso devido aos seus esforços e articulações com as autoridades competentes, já que não era oferecido aos adolescentes internos educação escolar. Ela hoje está cursando o nono ano do ensino fundamental e trabalha como estagiária num órgão do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, além de ser representante oficial dos adolescentes que cumprem medida no RN.

Esses são apenas trechos das histórias de vida e experiências que estes adolescentes carregam que serão detalhadas ao longo desta interpretação. As narrativas desses adolescentes nos remetem a um misto de sofrimento, abandono, irresponsabilidade e superação, isso tudo arraigado em experiências vividas por adolescente que ainda estão começando a sua trajetória e já carregam o peso de ser nessas circunstâncias de violência. Como o abandono dos pais, seja por entregar seus filhos à uma instituição, seja por não oferecer suporte e acolhimento, são situações estas destacadas pelos próprios adolescentes como desencadeadoras de adversidades e confusões na construção das suas histórias e possibilidades de ser.

Afinal, interrogamos mais uma vez, quem são esses jovens? Rayanne? Rauan? O que eles pensam sobre seus comportamentos? Quais são seus ideais? Será que são uns irresponsáveis? Será que lhes faltaram limites? É a história de violência de cada um que nós (pesquisadora e leitores) nos propomos a compreender. Comecei a conversa com os dois adolescentes pedindo para que eles me falassem um pouco sobre suas experiências de violência... Os dois começaram pela violência que cometeram antes de ir para os CEDUC.

Rauan:

O que aconteceu foi que eu estudava num colégio do interior e tinha um rapaz de 23 anos de idade que bagunçava muito comigo, dizia que ia me bater. Aí eu conversei com ele antes que acontecesse tudo, chamei ele para conversar e disse que não queria briga, mas ele disse que queria bater em mim. Aí eu já sabendo que ele me ameaçou, botei uma faca na calça. Só que teve um dia que o rapaz ficou escrevendo na carteira alguns palavrões para minha pessoa, eu chamei o diretor, ele conversou com a turma toda, mas esse rapaz ficou injuriado dentro da sala de aula. Nesse mesmo dia, quando eu saí da sala, pedi licença para passar e ele não deu e veio bater em mim. E o que aconteceu foi que eu furei ele com a faca.

Rayane:

Antes de eu ir para o CEDUC eu era muito violenta, quebrava cadeira, o povo falava comigo e eu não escutava ninguém. Eu era muito estressada, eu queria logo bater nas pessoas, quebrar as coisas na cabeça, eu era ruim naquele tempo. Aí eu fui vendo no CEDUC que não valia a pena. Mas também lá dentro eu tive experiência de violência, a que eu cometi lá. Lá eu quebrei a porta, briguei com o policial e isso tudo foi contra mim, né? Mas no final tudo deu um resultado bom. Eu agora sou mais calma, não gosto de briga não.

Os dois relataram essas experiências com naturalidade e tranquilidade, como parte integrante e constitutiva de si e da história de cada um. Narravam com detalhes os fatos, as circunstâncias e os sentimentos envolvidos nesse momento, destacando-o como crucial para o crescimento e mudança de atitude. Assumindo, assim, a responsabilidade dos seus atos, mas, ao mesmo tempo, evocando as suas peculiaridades familiares como parte integrante dos seus atos. Contudo, reduzir a existência desses seres a esse fato

narrado seria reduzi-la apenas a um momento. Como destaca Heidegger (1927/2011) na sua Analítica Existencial, o *Dasein* enquanto *ser-aí* se apresenta como um ser de possibilidades. Ou seja, não é possível, portanto, que se encontre uma resposta, ou um único resultado que trace o perfil, um comportamento previsível, um fato determinante na existência do ser, muito menos que produza um adolescente violento. Como também, circunstâncias que levaram esses adolescentes a cometerem delitos aliados a diferentes modos de ser e estar no mundo, bem como por diferentes histórias que revelam os sentidos e modos de ser que perpassam a existência desses indivíduos. Devemos, portanto, nos abrir para cada detalhe narrado, cada fato exposto por estes e compreender as suas experiências.

Ouvir esses relatos foi perceber que para estes, e talvez outros jovens, a violência se configura como uma forma de marcar presença no mundo, de existir perante os demais, pertencendo e integrando um grupo. Quando conseguimos conversar com esses jovens, ouvir suas narrativas nos abrimos para a possibilidade de compreender como eles vivem em um contexto de violência que remete a peculiaridades, até então desconhecidas ou ignoradas por muitos. Possibilitar a escuta dessas histórias de vida foi um trabalho de aproximação e de perceber quais as referências e os sentidos que estes adolescentes entrevistados construíram ao longo de sua existência.

Ao mesmo tempo, ouvir as histórias desses adolescentes nos remeteu a um desconforto, acreditamos que compartilhado por muitos, por se tratar de uma realidade distante da que estamos habituados a conviver. Nas falas percebemos famílias desestruturadas, carência de apoio emocional e afetivo, rejeição dos pais, os próprios adolescentes buscando ser nesse contexto de conflitos. Os motivos pelos quais fizeram esses adolescentes cometerem suas infrações podem ser vários, mas o que podemos

destacar é que a violência esteve presente nos mais diversos modos e com aparente naturalidade.

Poderíamos pensar que esses adolescentes, por sua história de vida, já estariam presos a um contexto de violência? Barus-Michel (2008) traça uma reflexão sobre o destino, palavra definida como a fatalidade a que estariam sujeitas todas as pessoas e todas as coisas do mundo. Muitas vezes, o destino é tido como o responsável por todos os acontecimentos e percalços do homem, sendo utilizado como desculpa pelas atitudes e funcionando como motivador dos próprios comportamentos no âmbito do individual. Além de servir como resposta rápida e tranquilizadora de toda a sociedade, quando esta se defronta com acontecimentos que provocam mobilização e realizados por um outro. Ou seja, por vezes, ocorre de pedirmos à genética que nos explique como certas características individuais, socialmente incômodas, são determinadas por anomalias ou particularidades ligadas aos genes, como é o caso do comportamento violento dos adolescentes. Assim, tiramos o fardo de nossas costas e depositamos a responsabilidade em um conceito pronto e imposto, o destino. A noção de destino pode sustentar a ideia de que cada qual tem seu lugar marcado, devendo ficar nesse lugar em que o acaso o colocou, não existindo a possibilidade de mudança. Daí a imobilidade conservadora, onde aquilo que lhe é devido foi fixado pelo lugar de nascimento. A própria Rayane, descrevendo seu comportamento violento comentou que:

Minha mãe também era muito agressiva. Agora não mais, porque eu e ela demos um tempo, paramos de brigar, mas antigamente a gente se batia demais porque o gene é ruim, o da gente. Falo mesmo, o gene é ruim mesmo, teimoso, sabe?

Casanova (2009) afirma que uma das condições existenciais do ser-aí é a impossibilidade de fixar o Ser em uma figura específica, ou seja, para entender o Ser se

faz necessário compreender sua dinamicidade e sua constituição em diversos modos de ser. Sendo esses modos de ser correlacionados com o mundo, o *Dasein* se concretiza a partir das possibilidades que lhe são abertas e apresentadas por seu mundo. Jogado nessa imensidão de possibilidades e na facticidade do mundo, o ser-aí, na maioria das vezes, se vê absorvido no campo dos entes, da impessoalidade, repetindo comportamentos anteriormente postos. Assumindo, assim, comportamentos práticos em relação aos objetos, as coisas e aos demais *Daseins*, adotando relações de ocupação. Jogados no mundo e imerso na imensidão das possibilidades, o ser-aí se deixa levar pelos movimentos do mundo, numa total absorção, sem se dar conta das possibilidades do seu poder-ser que lhe é próprio (Heidegger, 1927/2011).

O primeiro ponto que chamou atenção foi o relacionamento com a família, relatado pelos dois como ponto chave para o envolvimento destes com drogas e violência. Os dois adolescentes trouxeram dificuldades familiares, histórico de violência, abandono por parte dos pais. Queremos deixar claro que não defendemos uma determinação parental de violência, não se trata de um gene específico disseminado ou comportamentos repetitivos. Separação dos pais, brigas constantes, violência dentro de casa podem ser interpretados a partir da ótica de que somos sempre um ser-com, estamos todos ligados a uma visão de mundo que impera no nosso meio e em um determinado tempo, nossas vivências. Estas já configuram imediatamente o resultado da nossa ligação com a visão de mundo e o que caracteriza a nossa época e contexto existencial (Casanova, 2009).

Pais e mães ausentes, relatos de abandono, de desamparo. O que esses dois adolescentes narravam era a sensação de duas crianças que foram jogadas no mundo, literalmente, por aqueles que deveriam lhes oferecer apoio e suporte para seu desenvolvimento. Duas crianças que, não por vontade deles, tiveram que aprender no

mundo e com o mundo a se virar sozinha, absorvendo valores e representações daqueles que, a partir do abandono, viraram figuras de referência. Amigos, companheiros, outros adolescentes, todos buscando realizar desejos da forma que pudessem, como forma de substituir a ausência de algo, ou alguém, de suprir a carência de se sentir só, mesmo existindo com muitos, de superar a violência sofrida de serem abandonados pelas figuras mais representativas do seu ser, seus próprios pais.

Ser abandonado é não ter o poder de escolha, é não ter a possibilidade de escolher permanecer no que nos dá conforto, naquilo que nos é conhecido. Ser abandonado é se ver sozinho e ser apresentado a sua própria angústia, angústia de ser e existir para um mundo no qual você foi jogado violentamente, é se deparar com o desamparo existencial, com desalojamento do Ser. Tudo passa a ser novo e desconhecido, a fragilidade acompanha a angústia do existir, é nesse momento que qualquer referencial passa a ser seguido, como forma de minimizar o sofrimento, sejam esses os amigos, as drogas e, vinculado a isso, a violência.

Isso porque somos todos ser-com, o que significa que não estamos somente em constante relação com os outros entes no mundo, mas muito mais do que isso, o próprio acontecimento de sermos implica o acontecimento do outro, já que somos co-originariamente com o mundo, e por consequência co-originariamente com os outros entes. Estar em contato com a angústia é se apropriar do sentimento mais próprio que um homem pode ter. Estar angustiado significa estar, de certa forma, mais próximo de si mesmo, pensando-nos próprios sentimentos e sentidos que estabelecemos para as coisas/pessoas/situações. Pois, é a partir do encontro com a angústia que nós percebemos que existem caminhos diferentes para encontrar a paz, até porque ninguém consegue ficar angustiado por muito tempo. Então é viver o presente, na forma mais presente que se pode existir.

Esses adolescentes revelam em suas narrativas uma proximidade e constante vinculação das suas ações e experiências com a violência. Uma violência que se apresenta e pulsa no cotidiano de cada um deles, presente nas famílias, na pobreza, no abandono, na luta pela sobrevivência, nos desejos não satisfeitos, na falta de liberdade, na falta de um direcionamento do existir. Sentimentos e situações que ampliam cada vez mais a angústia, a ansiedade, a incerteza, a insegurança e, às vezes, o seu próprio poder, que se apresenta através dos mais diversos tipos de violência (Frota, 2007).

Rauan, narrando sua trajetória até seu primeiro contato com as drogas destaca a separação dos pais como fator importante.

Antes era tudo bem, a gente era evangélico, era tranquilo, foi uma infância boa. Depois da separação, meu pai ficou muito mal, começou a fumar cigarro, ficava só deitado, não comia, angustiado. Ele sempre viajava para João Pessoa, tinha umas irmãs dele lá, o pai dele também vivia lá em João Pessoa. Quando ele ia eu ficava só na casa. Às vezes, eu saía e passava o dia fora, voltava e ele não ligava, ficava triste, angustiado ou então passava o dia viajando. Foi a partir desse momento que eu fiquei livre, solto, não tinha alguém que cuidasse bem de mim, né? Ele ficou bastante abalado, ficou abatido com a separação dele, aí eu comecei a me envolver com essas pessoas, pessoas mais novas, e foi a partir daí que eu comecei. Eu já usei droga, já usei crack, já roubei (pausa). Fui preso, um dia, eu não estava vendendo, estava usando, eles (policiais) me pegaram, mas fui solto no mesmo dia. Fui pra o Conselho Tutelar e depois me liberaram. Roubei, usei drogas e acho que isso tudo foi um aprendizado pra mim. (Rauan)

Já Rayane descreve o seu dia-dia, em casa e na escola, como motivador e reforçador para seus comportamentos violentos.

Desde os seis anos que eu brigo, na escola eu batia nos meninos, os meninos me chamavam de “mulher do Chuck” diga aí! Eu batia nos meninos lá tudinho. Quando eu fazia as coisas erradas no colégio minha mãe dava em mim, dava em mim e era pior, porque quando eu voltava fazia pior. Teve um dia que eu meti a pedra no menino, na testa, que ficou o sangue lá. Isso porque minha mãe bateu em mim num dia e no outro eu fiz isso. Só gerava mais violência. Quando ela batia em mim eu sentia ódio! Ficava irada com ela e aí eu fugia de casa, chegava no outro dia. (Rayane)

Cabe aqui construirmos uma reflexão sobre o cuidado em Heidegger (1927/2011). Segundo os escritos deste autor, o ser-aí se configura a partir da sua relação com os demais entes e o mundo, na maioria das vezes, absorvendo as orientações dadas pelo mundo circundante. Essas relações, em suma, são pautadas pelo conceito de utensílio e uso, ou seja, o Ser se relaciona com os entes como utensílios dotados de uma funcionalidade, assumindo um comportamento prático com relação aos objetos e as coisas (Casanova, 2009).

Quando as relações acontecem entre os seres, o cuidado ocorre na forma de solicitude (*Fürsorge*). O conceito de coexistência remete sempre para o ser-aí do outro. Deste modo, corresponde à relação que o ser-aí estabelece com outro ser-aí. Não é possível ocupar-se com outro ser-aí, pois ele não é um utensílio (Almeida, 2008).

Refletindo sobre as relações vivenciadas por esses adolescentes, destacamos as relações familiares frágeis nas quais os próprios filhos se sentiram desalojados e desprovidos de atenção paternal e maternal. Não devemos julgar esses pais, acusando-os de abandono ou egoísmo, talvez suas angústias e conflitos pessoais ressoassem nos seus comportamentos para com seus filhos. Por exemplo, quando o pai imerso no seu sofrimento diante da separação, não podia oferecer a devida atenção para seu filho.

Quando a mãe, abandonada pelo seu marido, sustentando sua filha sozinha, não via alternativa a não ser agir de forma violenta com esta. Eles também estavam cuidando, se relacionando com seus filhos, de forma própria. Embora possamos compreender os pais, o que vimos foi que com relação ao amparo dessas famílias para com as crianças, não havia um continente, um suporte, e assim a vida deles ganhou um sentido em direção a uma revolta de vida.

Fernandes (2011) afirma que cada eu é o mundo, não um mundo fechado em si mesmo, mas um mundo de abertura, disposição e compreensão. Sendo este sempre aberto para o outro, que também exerce um papel de modelador e constituinte desse mundo. Ou seja, qualquer mundo é na verdade um ser-com de muitos mundos.

Heidegger destaca que nós somos sempre “seres-no-mundo-com-os-outros” e que esta relação se revela nas inúmeras e constantes relações do *Dasein* e os demais entes. Essas relações podem ser entendidas de duas formas diferentes, através do cuidado. A palavra “cuidado” (*Sorge*) é usada para expressar essa característica ontológica do *Dasein* de estar sempre referido a outro ente e se relacionando e se revelando através da abertura de sentido. O modo das relações com os “entes cujo modo de ser é simplesmente dado” (*Vorhandenheit*) foi denominado por Heidegger de “ocupação” (*Besorgen*), e o modo das relações com os entes também dotados do seu modo de ser, de “preocupação” (*Fürsorge*). Destacamos que, de acordo com a Analítica Existencial Heideggeriana, o modo mais imediato de o *Dasein* se relacionar com os outros entes se dá sempre por meio da ocupação do manuseio e uso, subordinados ao “para-que” dos instrumentos (Sá, 2010).

Imersos em um campo de uso, não utilizamos apenas utensílios, mas operacionalizamos ao mesmo tempo conceitos e demais seres (Casanova, 2009). Cuidando na forma de utensílio, quando este não serve mais, é descartado e entregue a

um outro para que este se responsabilize. Situação vista quando a filha foi entregue às autoridades competentes, institucionalizando o cuidado da sua filha.

Orionte e Sousa (2005) afirmaram que, para muitos, existe uma mística que nesses espaços de acolhimento institucional a criança terá acesso ao estabelecimento de vínculos afetivos, educação, alimentação, condições básicas para o desenvolvimento de qualquer criança. No entanto, nesse mesmo espaço, a violência, o desamparo, a negligência, os conflitos e os abusos se instalam com maior frequência. E é exatamente por esses, entre tanto outros motivos, que as crianças são encaminhadas para abrigos, já que se acredita que ali elas poderão receber os cuidados que a família, no momento, não pode oferecer-lhes.

O adolescer se desvela enquanto um momento da vida em que as possibilidades de ser e de existir no mundo em relação a um contexto social e histórico, se encontram ainda mais exacerbadas na trama que constitui o *ser-no-mundo* (Azevedo & Dutra, 2012). Os dois adolescentes entrevistados narraram experiências de violências nas mais diversas formas, físicas, psicológicas, ameaças. Narraram assistir, sofrer e praticar violência, violência em casa, na escola, nas instituições, em todos os ambientes que esses adolescentes transitaram, eles podem relatar algum tipo de agressão.

As primeiras experiências de violência foram, de acordo com o relato deles, dentro da própria casa. Rauan comentou que desde pequeno presenciava brigas dos seus pais e destaca o quanto isso ainda o incomoda:

Meu pai era bastante ciumento, não chegou a agredir ela (mãe), mas com palavras, ele a ofendeu. Como filho eu não me sentia bem de ver aquilo, meu pai com minha mãe fazendo aquilo ali, mas como eu era pequeno eu não podia evitar, não podia fazer nada, só escutar, a via chorar... ficava triste.

Esse relato também é narrado por Rayane quando destaca seu relacionamento difícil com a mãe e suas poucas lembranças infantis com o pai.

Ainda bem que eu nunca sofri violência, assim, só minha mãe que batia em mim quando eu era pequena. Ficava revoltada porque minha mãe batia em mim aí eu queria descontar nos outros. A pessoa começa dentro de casa vendo os pais e a mãe brigando. O pai e a mãe não pode fazer isso na frente de uma criança pequena porque cresce revoltada. Briga, discute, mas fora da vista da criança porque ela cresce revoltada como eu, vi meu pai dando na minha mãe aí cresci assim. (Rayane)

O *Dasein*, de acordo com a Analítica Existencial, é constituído com vistas ao momento presente, numa temporalidade específica na qual o passado atua de modo constantemente no presente. Ou seja, ser adolescente é estar ligado, a princípio, com a visão de mundo do próprio tempo, com isso as vivências desses adolescentes são intrínsecas à noção de mundo e das relações que caracterizam a época e o contexto em que acontecem, temporalidade e historicidade (Casanova, 2009).

O que essas experiências nos dizem? Um pai descrito como ciumento, inseguro e distante. Uma mãe que sofria agressões de seu marido, abandonada posteriormente, tendo que cuidar da sua filha pequena, sozinha. Podemos julgá-los como os possíveis incentivadores de violência? É necessário não apenas visualizar a história de vida desses adolescentes, mas também, os contextos sociais e particularidades de cada um que compõe essas famílias, tão comuns e ao mesmo tempo tão singulares nas experiências de ser. São *Daseins* desalojados de apoio tentando ser diante das dificuldades, como destaca Lordelo, Bastos e Alcântara (2002); são famílias imersas num contexto socialmente adverso, marcado por condições como pobreza, violência e suporte social

precário, ausência de poder público e assistência social. Muitas vezes, esses atos são tidos como comuns no cotidiano dessas famílias.

O *Dasein* é, por condição existencial, sempre um ser-no-mundo, ou seja, alguém que se revela na pre-sença diante do mundo no qual se encontra. Este é tido por ele como um tipo de desafio a ser conhecido e enfrentado, pois quando se percebe nele, já está aí inserido, mergulhado na sua cotidianidade. Por já está jogado no mundo, este já o fez prisioneiro. Contudo, cabe destacarmos que o ser-no-mundo não é apenas vítima do acaso, que absorve as imposições mundanas e assiste seu existir com passividade, mas também é uma agente de transformação, capaz de organizar as coisas conforme suas necessidades, pois só este ente, chamado *Dasein*, tem a capacidade de criar e dar total sentido aos seus projetos, exercendo assim suas possibilidades (Naves, 2009).

Ao longo das narrativas podemos perceber que ocorre uma mudança de sentido, com relação à violência. Essa mesma violência que, lá nas primeiras experiências, causava medo, espanto e repulsa, passou a ter outra conotação quando praticada por eles e por seus pares. Quando os adolescentes passam a ser agentes, a violência é experienciada como promotora de status e respeito. Os mesmos são reconhecidos por suas práticas violentas, temidos pelos mais fortes e admirados pelos mais fracos, como contam os próprios adolescentes. Descrevendo como se sentia quando batia nos colegas da escola, Rayane exalta:

A tal! Rapaz, o prazer de ouvir 'É... Rayane, é ruim! Rayane é bicha ruim, é! Vá mexer com Rayane!'. Assim, a pessoa se sente segura quando dá nas outras, pensa que isso é legal, mas não, quando a pessoa para pra pensar, isso é horrível.

O que nós podemos ver é uma reprodução de um comportamento valorizado pelos demais, uma produção, disseminação e manutenção de um estigma de que quem é

forte e violento deve ser temido e valorizado pelos demais. Isso remete a status, a reconhecimento. A identificação e imposição do seu ser na forma mais impositiva de existir, na manutenção do poder. Poder este que circula e determina a forma das relações entre os jovens, relações estas pautadas nas práticas de dominação e violência. Obter poder é se sobressair num mundo de disputa e riscos iminentes. As condutas ditas transgressoras não representam apenas uma ruptura com as regras e normas institucionais. Elas encobrem, na maior parte das vezes, o enfrentamento de uma situação geradora de ansiedade que representa, antes de tudo, a busca da autonomia (Oriente e Sousa, 2005).

Com essa valorização e disseminação da violência, entendida como geradora de poder, ascensão e reconhecimento, quando esses jovens escolheram dar sentido a sua vida e existência a partir dela não aparentou ter sido algo estranho. Na Analítica Existencial de Heidegger, a liberdade em si é algo intrínseco ao homem, mesmo que ele não tenha consciência. A liberdade é a capacidade, inerente ao homem, de estar disposto sempre a buscar uma nova maneira de ser, de expressar, de um novo ser si mesmo. Contudo, é também, pelo fato de sermos livres que podemos fugir das nossas possibilidades outras, das nossas responsabilidades e permanecemos aprisionados no impessoal (Naves, 2009). Podemos transferir a responsabilidade do poder-ser livre pelo viver sempre na tutela do discurso cotidiano e passarmos a vida toda no falatório, distante de qualquer contanto com o nosso poder-ser mais próprio. Mas ainda que estejamos presos e absorvidos pelo mundo, também estaremos exercendo nossa liberdade e podendo assumir essa condição.

Escolher não seguir os comportamentos de violência que, desde a infância se apresentavam na vida desses adolescentes como naturais, era sim uma possibilidade que esses jovens tinham, de acordo com a sua condição existencial, de liberdade existencial.

Seguir um caminho diferente do não envolvimento, de uma vida pautada em condutas socialmente aceitas são discursos muito fáceis de serem reproduzidos e cobrados, contudo, toda a violência que os jovens cometeram, presenciaram ou foram vítimas estão pautadas num contexto social de tensões, desigualdade e exclusão. Para esses adolescentes conseguirem escolher um caminho diferente da violência é necessário um alto grau de desapego do mundo que lhes rodeia, dos sentidos que lhes foram apresentados. Faz-se necessário, também, uma grande compreensão da sua experiência, dos sentidos que lhe foi atribuído, das possibilidades e perspectivas de futuro, tudo isso independente daquilo que o meio propõe. Pois estar-no-mundo implica obrigatoriamente ser sempre alguém com outro e para o outro, e, na realidade desses adolescentes esse outro sempre esteve envolto em algum tipo de violência.

Rauan descrevendo seu primeiro dia de internação no CIAD disse que, quando contou para os outros internos o motivo da sua internação, todos pararam de perturbá-lo e de agredi-lo com palavras e ameaças e explicou:

(...) porque pra eles uma coisa com faca é uma coisa mais elevada, né? Uma coisa mais forte, aí eles pararam. Porque quem tá no mundo das drogas sempre tem uma coisa mais pesada. Se você faz um delito com faca ou com arma de fogo, com a faca já é mais grave do que com uma arma, pra eles é. Uma faca é mais perigosa que uma arma. Aí eles já pararam de me ameaçar, aí começaram a conversar, aí eu falei pra eles o que aconteceu, minha vida toda.”.

Frota (2007) afirma que os discursos sobre situações e comportamentos violentos são inevitáveis e repetitivos, pois fazem parte do contexto de vida desses adolescentes, do seu cotidiano e por isso estão presentes em suas falas. A violência está em tudo, até mesmo nos rituais que se repetem incontáveis vezes, especialmente na

chegada de novos meninos para cumprirem pena. Os menores são vítimas dos maiores ou mais experientes. Esses adolescentes carregam suas ações de crueldade até mesmo entre seus pares. A violência é sempre resposta a outra violência. Nesse sentido, a história de violências e crueldades está, ao mesmo tempo, inscrito nas relações sociais cotidianas e como um aspecto inseparável das demais expressões que vão se revelando nos seus modos de ser. Existir nesse mundo de repetições e valorização da violência é aprender a lidar com seus próprios medos e angústias, é procurar ser na inospitalidade desse contexto.

Quando eu vi aquela situação ali eu vi “aquilo né vida pra mim não”. Eu não vou aceitar, eu aqui e meus pais, meus familiares todos sofrendo por minha causa e aqui nesse lugar, com essas pessoas todas dizendo que vão me matar, vão fazer isso, eu não aceito. O que eu sentia era medo! Medo... só... eu só sentia medo. (Rauan)

Quando minha mãe me entregou para a instituição eu comecei a chorar porque eu fiquei com medo de ir pra casa de passagem. Lá eu apanhei, quando eu era pequena, na casa II as meninas bateram em mim um dia. Com medo eu chorava tanto no Conselho Tutelar e dizia: “mãe, deixe eu voltar pra casa” e ela: “não, você vai pra lá” aí eu fiquei com medo. Quando eu fui pra lá com medo do povo de lá, o povo tudo ruim, no tempo que eu fui era gente ruim. (Rayane)

Quando eles retratavam que sentiam medo, era possível sentir, naquele momento, o medo. Eu senti medo e podia sentir o medo deles quando me falavam sobre suas experiências. Não senti medo deles, em nenhum momento, senti medo por eles. Não era confortável me imaginar num mundo inóspito e ameaçador que esses adolescentes me mostravam, me senti muito distante e desconhecadora dessa realidade.

Talvez por isso o medo desse novo e desconhecido mundo narrado por Rauan e Rayane, quando eles me traziam o medo, medo do que passou, medo do que sentiu, medo do que estar por vir, medo do que se sente com a necessidade de reviver seu sentimento. Heidegger (1927/2011) destaca que o fenômeno do medo pode ser entendido por três perspectivas: o de que se tem medo, o ter medo e pelo que se tem medo. A primeira é sempre um ente que vem de encontro ao Ser de forma ameaçadora, não podendo ser aprisionado somente na forma ôntica. O do que se tem medo sempre se mostra dentro de um contexto, podendo esse estar próximo ou distante, contudo, sempre mantendo seu caráter amedrontador. O ter medo se configura no trazer para si o sentimento, pois é tendo medo que o Ser perceber do que se tem medo, pois apenas o ente que é pode sentir medo, ter medo é sempre estar diante da possibilidade de uma ameaça.

Esses relatos destacam a visão diferenciada que esses adolescentes tem das práticas de violência e como esta influencia as relações entre os jovens. Esta entendida como forma de autovalorização, reconhecimento e sensação de ser importante diante dos demais. Essa valorização e poder que a violência sustenta naquele que a pratica está muito bem retratado no documentário “Falcão – Meninos do Tráfico” (2006) produzido por MV Bill, Celso Athayde e pela Central Única das Favelas - CUFA, o qual traz depoimentos de adolescentes que corroboram os pensamentos dos jovens entrevistados. No documentário, os jovens que estão envolvidos com o tráfico, que ostentam fuzis, são admirados e desejados pelas mulheres. Nessa mesma ideia, Junqueira e Jacob (2006) realizaram uma pesquisa na qual o autor apresenta evidências de que as motivações centrais da maioria dos jovens na prática de atos violentos são, por um lado, o prazer em humilhar a vítima e, por outro, a vontade de mostrar para os pares que eles merecem ser classificados como “homens duros” (ou valentões), que conseguem se impor no mundo. Embora esteja claro, devemos destacar que a experiência de cometer atos de violência

não pode ser interpretada de forma isolada, muito menos pode ser estudada fora do tempo. Porque, necessariamente, as experiências de violência acontecem imersas num fluxo temporal específico, no qual o ser se encontra inserido e implicado num mundo, numa historicidade (Junqueira & Jacob, 2006; Heidegger 1927/2011).

Assim, os valores como a coragem, a agressividade, a força e mesmo a crueldade, assumem na composição do imaginário desses adolescentes um lugar de destaque, concorrendo para a aceitação desses jovens e adolescentes em determinados grupos, bem como para o arranjo de sua identidade e sobrevivência cotidiana (Frota, 2007).

Lançar essa especificidade e compreensão de violência à reflexão é propor um exercício de abertura, para sair da visão preconceituosa de “adolescente perigoso” e adentrar numa realidade desses adolescentes. O ser excluído traduz-se na falta de ganhos, de alojamento, de cuidados, de instrução, de atenção, de poder exercer sua cidadania. A falta de oportunidades para o indivíduo e sua família afeta seu sentido de existência e suas expectativas de futuro (Feijoo & Assis, 2004). Contudo, o Ser não se desprende da sua condição existencial de ser um Ser de possibilidades e desbravador de sentidos, seja qual for seu contexto histórico e temporal no qual sua existência simplesmente é.

Dutra (2006) constatou que, de acordo com a percepção de alguns jovens entrevistados sobre a exclusão social, a pobreza, a má influência de amigos, a falta de emprego e, principalmente, a falta de apoio familiar, de afeto e desavenças, estão relacionados aos motivos que podem favorecer o jovem a atos de violência, mas não é possível dizer que esses fatores são determinantes. Tais evidências confirmam alguns pressupostos da ontologia heideggeriana, ao afirmar que o homem é um Dasein, ser-no-mundo, que, ao mesmo tempo em que constitui o mundo, também é constituído por ele.

Portanto, não podemos separar as condições de pobreza, de exclusão social, das experiências e sentidos atribuídos por esses jovens. À medida que somos, todos, seres-no-mundo, estamos mergulhados nas situações do mundo de uma forma que somos, a todo tempo, afetados por elas. E como seres que sentem, pensam e falamos, reagimos às situações que se nos apresentam ao longo da nossa existência do modo como as percebemos.

A família, que hora foi colocada no papel de precursor da violência, é, em outro momento, tida como a fonte de energia e motivação para a mudança. O relato desses adolescentes ressalta a importância e determinação do papel da família como uma forte aliada, como o principal instrumento no processo de resgate do adolescente que vive uma situação especial de violência e uso de drogas. É na família que estes se apoiam e encontram a solução para seus problemas.

Quando eles (pais) souberam sobre meu envolvimento com drogas, a reação deles foi... Acho que não foi nenhuma reação. Não aceitou, claro, né? Mas acho que eles pensaram assim 'agora que ele já tá aí eu não posso fazer nada'. Sofreram, claro, sofrem bastante, mas eu me livrei, graças a Deus.

(Rauan)

Bezerra e Linhares (1999) esclarecem que os pais, na maioria das vezes, não sabem quais providências devem tomar quando expostos a essa situação. Embora percebam e sintam claramente a gravidade dos problemas que o uso de drogas traz para o filho e para a família, sentem-se impotentes, incompetentes, culpados, e sobretudo, ficam confusos e divididos entre o certo e errado.

Eu pensei que minha mãe não gostava mais de mim, aí eu fiquei mais revoltada ainda. Quando eu fui pra o CEDUC, eu na sala do juiz e minha mãe disse assim: "eu queria que Rayane ficasse aqui" diga aí! Eu fiquei com

ódio dela! Quando saiu ela veio me abraçar! Aí eu disse: “saia de perto de mim seu Satanás!” não quis nem saber, comecei a gritar. Eu era rebelde. Aí eu entrei no carro e comecei a bater na porta, aí o guarda veio e me algemou. Eu sofri no CEDUC! (Rayane)

Frota (2007) remete a um modelo idealizado e ambíguo de família trazido pelos adolescentes. Para estes, a união familiar e a afetividade são bastante valorizadas e desejadas. Contudo o que se vê na prática é um abismo entre o que se é desejado e o real, este sendo, muitas vezes, retratado nos termos da ausência, do distanciamento e da busca constante de um outro para auxiliar nesses conflitos e quebra de vínculos familiares.

Para uma família pedir ajuda a um profissional ou a uma instituição é necessária muita coragem, considerando a vergonha que denigre tanto o indivíduo quanto a família. Em segundo lugar, a criminalização do uso de algumas drogas faz do pedido de ajuda uma denúncia (Bezerra & Linhares, 1999). Nenhum profissional conseguirá estabelecer um vínculo tão poderoso com o adolescente, como o vínculo entre o filho e os pais. Os vínculos dos pais com os filhos são mais poderosos em operar mudanças que qualquer vínculo terapêutico ou de autoridade constituída. São vínculos com história de vida, com um tempo de no mínimo a idade do filho.

Aí eles começaram a ter raiva de mim, soltos lá dentro, aí eles começaram a ter raiva, não falavam comigo mais. Eu gostava mais de falar com os educadores, com as pessoas mais velhas, mais experientes. Às vezes eu chegava perto do policial e ficava conversando, aí eles tinham raiva, né? Porque eles achavam que eu tava entregando eles, mas nunca cheguei pra entregar eles, nunca! Aí eles tomaram raiva aí chegou um certo momento que eles se reuniram pra bater em mim. (Rauan)

Rayane, em sua narrativa, trouxe a figura de uma professora de inglês como referência para suas ações e conduta. Relatava que muitas coisas erradas evitava fazer na frente dela, pois gostava muito dela. O que se vê nessas falas são adolescentes que, em meio a diversidade e conflitos, a busca constante por algum referencial para se apegar, é tentar sair do invisível e aparecer para alguém que lhe dê suporte, abrigo. Na dimensão da invisibilidade, da institucionalização, o abandono é vivido, sentido, portanto, se tornando uma forma cruel e arbitrária de calar esses adolescentes.

Impossível não se imaginar aos 15/16 anos, auge da adolescência, ficar privado da liberdade, numa instituição que não oferece condições básicas de higiene, saúde e educação, pagando por um crime cometido e sendo retirado da sociedade, pois esta prefere se distanciar desses problemas. Trancafiados, sem liberdade, sem apoio, afeto, muito menos oportunidades, como é poder-ser nesse contexto? Como é viver numa constante busca pela realização de desejos boicotados? Por várias vezes, no decorrer das narrativas, os adolescentes silenciavam suas histórias, ficavam pensativos e viajantes nas suas mentes, na sua solitária imaginação do que fez, do hoje e das suas possibilidades futuras. Retratavam angústias, questionamentos, vazio, vazio do nada, do não ser si mesmo e estar envolvido com situações que o mundo lhes apresentou, como a violência.

Talvez essas figuras institucionais como educadores e professora puderam oferecer a estes adolescentes a oportunidade deles saírem da condição de objeto nas relações, de serem meros utensílios de reprodução da violência, para a condição de sujeito modelador de si e aberto às possibilidades. Estar junto com outro Ser já nos remete a um cuidado, um cuidado que assume a dimensão de uma solicitude. Com esses entes, o ser humano não apenas se ocupa, mas se preocupa e para eles dirige sua atenção e deles cuida com dedicação afetiva e com solicitude. Na preocupação nós não apenas

nos ocupamos com os outros, mas com eles criamos laços afetivos de solicitude e de dedicação (Rocha, 2010).

Contudo, aliado a essa possibilidade de ser, não podemos esquecer da imersão desses adolescentes no sistema institucional. Silva (2002), retratando o dia-dia dos jovens em privação de liberdade, afirmou que a rotina de confinamento é um monstro a ser vencido. Os dias se tornam angustiantes, um atrás do outro, não existem atividades para os adolescentes, a maior parte do tempo eles utilizam gastando suas energias com planejamento de fugas, brigas e disputas. Isso é uma forma de se sentirem vivos, ativos e tentar se desvincular da angústia, do sofrimento.

Imerso num cotidiano hostil e na diversidade de condições enclausuradoras, que aprisionam o homem na vida cotidiana e limitam suas chances de encontro verdadeiro consigo, ainda é possível encontrar um sentimento que é capaz de desarraigar o homem de tal situação alienante. Este sentimento, que não é proveniente de uma circunstância externa ao *Dasein*, mas sim inerente a ele, Heidegger chamou-o de angústia (Naves, 2009).

No momento em que a angústia vem à tona, o ser-aí se rearticula diretamente com o seu poder-ser e experimenta ao mesmo tempo a si mesmo a partir do poder-ser que é. Ele rompe a tendência produzida pela decadência, pela reprodução de algo posto na impessoalidade e impede o prosseguimento da simples fuga de si mesmo por parte do ser-aí imerso no mundo das ocupações cotidianas (Casanova, 2009).

Um dos momentos mais angustiantes das narrativas foi quando Rayane descreveu sua tentativa de suicídio dentro do CEDUC.

Eu tentei me matar no CEDUC, eu me enforquei lá. Não sei como eles descobriram. Acho que porque eu falei para uma menina lá, porque eu gostava muito dela, ela era muito minha amiga. Aí eu falei: “Marisa, eu

vou me matar”, aí ela: “deixe de guerra”, brincando, só que ela pediu para as educadoras ficarem de olho em mim. Aí lá no CEDUC, nos banheiros tem tipo uns quadradinhos que é para pessoa urinar e lá atrás que tem os chuveiros. Nos quadradinhos tem os comongóis, aí eu botei o lençol por ali e botei no pescoço, subi em cima do vaso sanitário e me joguei. A distância era pequena, mas dá pra se matar porque o pescoço da gente é sensível. Eu já tinha me mijado e tudo quando as educadoras chegaram e o guarda veio e me levantou, aí eu não vi mais nada, desmaiei, diga aí! Foi de uma hora pra outra!!! (Rayane)

É possível lançar um entendimento da tentativa suicídio partindo de outra ótica, entendendo que esta é uma ação complexa, não concebível enquanto relação de “causa-efeito”. Visto que sendo um fenômeno que se apresenta no *Dasein*, enquanto *ser-aí*, ser de possibilidades, de singularidades, não se faz possível, portanto, que se encontre uma resposta, ou um único resultado que trace o perfil de um suicida. Assim como pontua Dutra (2011), podemos então pensar em um ato multideterminado, por diversos fatores ambientais, aliados a diferentes modos de ser e estar no mundo, bem como por diferentes histórias que revelam os sentidos e modos de ser que perpassam a existência desses indivíduos.

Eu não queria e queria. Eu tava só pensando, quando pensei que não, eu já fiz. Foi de uma hora pra outra. Eu só me lembro do povo me pegando e indo pra o hospital. Foi horrível! Essa sensação é horrível! A pessoa se sente vazia, sei lá... é horrível, horrível mesmo! Eu parecia que tava no mundo da lua. Eu sentia que queria sair, só sair... o que passava pela minha cabeça era que “eu faço tudo, mas eu saio daqui de dentro”. Não tem como fugir de lá, eu tava ate pensando em fugir, não tem como fugir. O muro era grande, eu

era de internação provisória, não podia sair pra nenhum lugar, tinha que ficar lá dentro, 45 dias trancada lá dentro. Aí eu lá dentro pensei: “eu vou me matar porque minha vida não tem mais sentido” eu pensava que ali ia ser pra sempre, minha vida acabou. Meu chão, minha mãe, eu lembrava do meu irmão pequeno, aí que eu fiquei doida mesmo do juízo, aí eu digo ”prefiro me matar que ficar longe da minha família” aí tentei me matar. (Rayane)

Ouvir essa experiência vivida foi, mais uma vez, ser apresentada a algo novo, ambíguo e cheio de sentidos. Perceber o quão frágil é a existência desses adolescentes que, tanto na aparência, quanto nas atitudes, demonstram ser fortes, guerreiros e poderosos. É possível, então, que se discuta a angústia gerada por essa dualidade de vida, a necessidade de manutenção e sustentação de uma força e a fragilidade diante da angústia. É, se deparar com situações de mais um abandono, de vazio e dor, de depender de uma sistema socioeducativo ineficaz e rígido, de perceber sua vida de confinamento ou liberdade sendo decidida por um juiz que prioriza apenas os seus atos e não valoriza a sua história de vida. Tudo isso traz consigo a possibilidade e caminho traçado pela angústia de ir ao seu poder-ser mais próprio, o ser-para-morte.

Aqui cabe estabelecer uma relação com os conceitos heideggerianos de Débito e Angústia, já que esta última se caracteriza pelo momento de abertura à reflexão e mudança, sendo reveladora de sentidos do ser, capaz de mostrar as inúmeras possibilidades que a vida oferece. No entanto, quando o *Dasein* se dá conta de sua incapacidade de realizar todas as possibilidades, ele se confronta com a noção de Débito. O que pode ser pensado, uma vez que essa adolescente se viu diante do vazio da sua existência permeada por violência, abandono e situações delicadas. É evidente que no momento em que o *Dasein* finalmente confronta-se genuinamente com as possibilidades da vida, a angústia se apresenta para ele, podendo levar o *ser-aí*, muitas

vezes, ao autoextermínio, como uma forma de alcançar o fim deste sentimento (Heidegger, 1927/2011).

Dutra (2012) pensa o suicídio como uma possibilidade do ser de eliminar a angústia, já que esta permite ao *Dasein* colocar-se diante da possibilidade de ser-si-próprio, e então ele escolhe a finitude, o ser-para-a-morte. No entanto, a autora faz relação entre o fenômeno do suicídio com a questão do tédio e as implicações dessa tonalidade afetiva na existência, caracterizando o ser e suas relações em um mundo contemporâneo. Tal como na angústia, o tédio constitui o momento em que a condição de impessoalidade e de vazio existencial do *Dasein* se desvela, colocando o *Dasein* diante da possibilidade de buscar uma existência mais própria ou permanecer no desinteresse de viver, na impessoalidade e no vazio da existência.

Segundo Feijoo (2010, p. 158), “O tédio consiste no traço determinante do mundo atual, no qual o homem se torna desinteressante para si mesmo”. Ou seja, o Ser se perde em meio à tamanha imersão no mundo da técnica, mergulhado em tanta fugacidade e preso à impessoalidade. Com isso, o *Dasein*, ao mesmo tempo que sente o tempo passando muito rápido, apresenta momentos atemporais, imerso em um grande desinteresse pela vida de modo geral, inclusive a sua própria, perdendo, assim, o sentido em viver. De viver privado de liberdade, de viver numa rotina massacrante do ócio, de não ter acesso aos direitos básicos como educação e lazer, essa é a realidade desses adolescentes.

As possibilidades de ser

No modelo contemporâneo de sociedade, no qual impera o capitalismo, a ideia de progresso social que é disseminada e defendida é a meritocracia. Esta nasceu da hipótese segundo a qual cada um pode tornar-se senhor da sua história e desenhar sua própria trajetória, construindo a realidade de outra maneira, livre e responsável,

autônomo e independente. Trata-se de um ideal improvável, mas necessário, pois impõe ao indivíduo a responsabilidade sobre suas decisões, progressão social e ideal de vida, retirando dos governos e órgãos competentes o dolo (Barus-Michel, 2008).

Como vencer dificuldades, tais como as limitações colocadas pela instituição ao estar ali dentro, tentando entender a causa das violências praticadas por jovens e adolescentes? A violência faz parte do dia-dia desses jovens, não só quando estão fora, mas também quando internos em Centros Educativos. Há um enorme desrespeito pela vida e pelo ser desses meninos que se expressam, tanto nas condições indignas em que são inseridos, quanto na própria forma como alguns funcionários da instituição os tratam, deixando de lado sua humanidade e infância e percebendo-os apenas como elementos perigosos ao convívio social, os quais não merecem tipo de consideração ou respeito (Frota, 2007).

O que pode ser visto é que não é só a violência que afeta a vida desses adolescentes, o contexto e as consequentes experiências passam pela falta de tudo, principalmente oportunidade de estudos, educação, trabalho e lazer. Se na própria casa não existe condições mínimas de desenvolvimento, imagine dentro de uma instituição que não oferece mais nada além do confinamento. O contexto familiar desses adolescentes é de dificuldade econômica, cultural e de informação. Falta estrutura física e apoio emocional, o que não difere muito da realidade dos CEDUCs.

O Artigo 120 parágrafo 1º do ECA determina que é obrigatória a escolarização e profissionalização do adolescente que cumpre medida socioeducativa de semiliberdade, bem como o Art 124 linha XI que determina o mesmo para medida de internação. Contudo, o que foi visto e relatado pelos adolescentes foi um total desrespeito e descumprimento das determinações do ECA com relação à escolarização e profissionalização. Não existe escola dentro das unidades de internação, já na

semiliberdade os adolescentes são matriculados, no entanto, não recebem o vale transporte para poder ir ao colégio.

Me chamaram pra eu falar com a governadora representando os adolescentes do CEDUC, aí eu pedi a diretora da FUNDAC “eu quero estudar” aí ela “é uma proposta muito boa os adolescentes da internação estudar porque merecem” e na lei tem dizendo! Aí disseram “vamos ver essa possibilidade” aí começou, começou... passou dias, meses, uns dois meses e eu “Diretora, e aí?” e ela “to vendo” depois de um tempo ela deu a notícia para mim: “foi hoje o papel pra vocês estudarem, segunda vocês começam” foi minha alegria. Aí foi e deu tudo certo, eu comecei a estudar, eu fui considerada a única adolescente de internação que trabalhava e estudava. Foi um ponto positivo, eu não podia falhar, né? (Rayane)

Com isso nos questionamos, no ECA o cumprimento de medida socioeducativa tem um caráter primordial que é o pedagógico, com o objetivo de reinserir o adolescente no contexto social, ensinado boas condutas e dando-lhes oportunidades outras. Mas, o que ainda presenciemos são instituições que, quando se propõem a realizar alguma ação, esta tem o caráter de correção de desvios de comportamento e distanciamento do “delinquente” do convívio social, como uma resposta à sociedade, restringindo ainda mais as possibilidades de vida para esses adolescentes.

Outro ponto levantado pelos adolescentes foi a possibilidade de se ter um trabalho e o quanto isso seria transformador, na visão deles, tanto para eles quanto para os demais jovens. Trabalhar seria uma forma de produzir, de se sentir ativo e útil, além de ocupar o tempo tão longo e entediante que é quando se está confinado. Dentre os trabalhos que poderiam ser desenvolvidos, os próprios adolescentes destacaram a necessidade de oficinas diversificadas para preencher o tempo e tentar envolver os

jovens com atividades que lhes satisfaçam e, ao mesmo tempo possam ser úteis para sua sobrevivência e vida profissional futura. Os próprios funcionários reconhecem que não existem recursos, nem incentivos, dificultando o trabalho educativo e a efetivação do ECA, que poderia ser de grande importância para o futuro dos meninos infratores (Frota, 2007).

Porque eu de 16 anos quero um trabalho, mas não tem ninguém que me ofereça um emprego, porque primeiro para trabalhar tem que ter conhecimento, mas nisso aí, muitos menores tem conhecimento e muitos trabalham sem conhecimento, mas não podem abrir as portas para dar emprego ao menor, por que? Por que vão dizer que é exploração, que menor não pode trabalhar, eu acho isso errado. Porque quando eles tiverem no semiliberdade eles tem que oferecer emprego, trabalho para eles se ocuparem porque você se ocupando com as coisas a mente vai ta longe das coisas, focado no trabalho. (Rauan)

Rayane diz: Quando comecei a trabalhar, minha mãe viu que eu tava querendo mudar, fui pra escola, aí ela se apegou mais comigo, conversava mais comigo, ia lá no CEDUC me visitar. Ela que fez de tudo pra mim sair, ia no Fórum pedir, eu também pedi. Ela disse: “juiz, hoje eu tenho certeza que Rayane merece ir pra casa!” eu também pedi muito a ele “deixe eu sair, deixe eu ir pra minha casa porque agora tá tudo bem com minha mãe

O trabalho também aparece como forma de valorização de si, substituindo os comportamentos violentos anteriores, hoje quem determina sua posição e poder no mundo é a possibilidade de desenvolver um trabalho. O *Dasein* é um ente dentre os demais dotado de capacidades e estas podem se impor através do trabalho, este sendo uma forma de expressão da vontade de querer ser (Heidegger, 1953/2012).

O que se vê nesses jovens é muito mais do que a fome física, é a fome de sentido e de valor, de reconhecimento e acolhimento; a fome de ser, sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza. Sair da invisibilidade é deixar para trás a maior violência sofrida: a indiferença. A maioria das pessoas é indiferente aos flanelinhas nas ruas, às crianças pedintes, sair dessa indiferença é ganhar visibilidade. Romper com os muros dos estigmas sociais e mostrar suas capacidades de ser (Frota, 2007).

Esses adolescentes entrevistados apresentaram em suas narrativas um discurso que difere do senso comum de que adolescentes violentos tem somente duas possibilidades: morte ou cadeia. Rayane e Rauan nos apresentou a possibilidade mais genuína de ser, poder-ser nas adversidades da vida e sonhar, sonhar sempre. Mostraram que nós podemos sair do imposto e previsto socialmente e buscar aquilo que faz sentido para si, seu próprio desejo.

Na minha segunda audiência, o juiz ia me dar uma semiliberdade, aí eu questionei e argumentei que estudava, trabalhava, tinha minha família e que o que fiz não tinha sido tão grave assim pra ele me deixar mais seis meses lá dentro de semiliberdade. Aí ele: “você quer ser defensora?” eu disse “é” “pois a primeira defesa que você fez e deu certo foi a sua” eu disse “amém” aí pronto minha felicidade foi essa. Meu futuro é estudar bem muito e ser defensora (expressão de felicidade). Eu não admito as leis daqui, não admito. Eu queria lutar pra isso acabar, eu queria defender os adolescentes mesmo, meu sonho é esse, defender mesmo porque é injusto. (Rayane)

Indescritível a emoção de ouvir o relato de Rayane afirmando que seu sonho é ser defensora pública para ajudar os adolescentes que estão na mesma situação dela. Foi ouvir e pensar: como ela vai conseguir isso se não possui, até o momento, estrutura

mínima para o seu desenvolvimento físico, muito menos intelectual. Mas a expressão de felicidade no rosto da adolescente foi tão pura e genuína que essa “desconfiança e descrédito” meu desapareceram no mesmo instante que crescia em mim a vontade de me movimentar junto com ela para buscar seus objetivos, os sonhos para o futuro: ser defensora pública.

É por constituir-se exatamente como um ser de possibilidades, e livre para alcança-las, que o *Dasein* é capaz de assumir, por si, a condição de projeto destinado à realização, isto é, ele tem capacidade de estando consciente de sua situação de abandonado a sua própria responsabilidade, guiar-se em meio ao mundo e traçar seu próprio projeto de ser. Contudo, se perceber distante das suas possibilidades de ser autêntico e se retirar da categoria do impessoal exige uma opção dura, mas firme em favor da possibilidade de um projeto por parte do eu mais próprio. Enfim, o que se espera do *Dasein* é que aquele potencial inerente para assumir sua existência frente as suas potencialidades, o que de forma nenhuma é algo que se consegue sem esforços contínuos e inúmeras renúncias no transcorrer da existência, ocorra e se torne presente (Naves, 2009).

Nesse instante questiono a todos nós, pois desacreditar num sonho de um adolescente infrator não seria retirar de si um pouco da responsabilidade de fazer esse sonho ser realizado? Muitas vezes nos colocamos como indiferentes a esta realidade social que circunda o nosso dia-dia. Quantos sonhos deixamos para trás quando não nos movimentamos para cobrar dos governantes o simples direito que esses adolescentes e todos os outros possuem que é o do acesso à educação? Preferimos ficar na cegueira social, pois o impessoal permite que nos apoiemos nele, acreditando e disseminando um discurso de fracasso e impossibilidade de crescimento para aqueles excluídos e tidos como marginais. No impessoal podemos assumir tudo com a maior facilidade e

responder a tudo, já que não há ninguém que precise responsabilizar-se por alguma coisa. O impessoal sempre foi “quem” e, no entanto, pode se dizer que não foi “ninguém” (Heidegger, 1927/2011).

Meus planos hoje é estudar, somente estudar, fazer cursos, me profissionalizar. Penso também em trabalhar, arrumar um emprego bom pra mim, pra poder ajudar minha família. Poder dá uma casa ao meu pai, poder ajudar minha mãe, ajudar minha família, o que eu penso para o futuro é isso aí, é qualidade de vida para minha família. (Rauan)

A família hoje é tida como uma fonte de segurança e apoio, proporcionando a esses adolescentes um pertencimento, uma morada que proporciona tranquilidade. Ter reconhecimento da família, poder desfrutar de uma possibilidade sempre desejada. Quando esses adolescentes se abrem para as possibilidades, eles estão quebrando paradigmas socialmente impostos para a condição de ser violento. O ser precisa se transformar para ser si-mesmo, existir e poder ser o seu ser mais próprio, sejam quais forem às condições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas desses jovens trazem peculiaridades de duas possibilidades de existir imersos na violência, contudo, nos apresenta também possibilidades de ser na forma mais sutil de existir. São relatos de violência assistida desde a infância, violência sofrida nas mais diversas formas, desde a física até a social, e também a violência praticada. Esta que se apresentou, durante as narrativas, como uma necessidade de se impor e existir num mundo no qual valoriza e reproduz estereótipos de poder.

Por hora, o que apresentamos foi nossa compreensão dessas experiências únicas de ser adolescentes num contexto de violência, mostrando peculiaridades de duas crianças que não queriam ser um problema social, mas lançados num mundo inóspito e cruel, na qual nos absorve para as tramas mais sutis de ser, misturando significações e sentidos num espectro fluido que é o viver. Quando refletimos, então, sobre as marcas históricas e contextuais da violência na vida destes dois adolescentes impossível não refletir o papel que nós, enquanto sociedade e seres co-originários a este mundo exercemos diante dessa realidade. Ainda que se leve em conta ~~que~~ essa realidade de segregação, violência e estigmas sociais que vem sendo perpassada e arraigada ao longo de gerações, ainda que saibamos que não é possível que se elimine por completo todo um percurso histórico impregnado, nós não devemos nos manter distantes e indiferentes, fugindo de olhar ao redor e ver o, até então, invisível, retratado por esses adolescentes através das suas experiências.

Lembrando que o homem é compreendido como um ser-com-outro, ou seja, está sempre se relacionando com o outro e através desse outro também se encontra, requerendo, assim, o olhar do outro para potencializar e reconhecer sua própria existência. Compreendemos que é na adolescência que essa necessidade de ser de

acordo com o que se espera se faz ainda mais presente e destacável. Uma vez que, na atual sociedade da informação, não há tempo a perder, e tudo deve ser calculado, medido e objetivado de modo a se alcançar metas previamente estabelecidas. Contudo, nos deparamos também com uma sociedade na qual o desamparo é eminente, além de uma necessidade de controle que não é possível se alcançar e da angústia de querer sempre algo mais, algo que está em falta o tempo todo. Permanecer na constatare fuga ante algo temível é fugir de si mesmo.

A partir da compreensão desenvolvida através das interpretações das histórias desses adolescentes, podemos pensar também qual o papel da psicologia diante desse contexto. Ser psicóloga e ter a oportunidade de ouvir as narrativas destes adolescentes foram um presente para o meu existir. Significou a possibilidade de quebrar pré-conceitos, de movimentar com o círculo de compreensão e interpretação do ser, no seu poder mais próprio. Também foi me deparar com meu mergulho na fortaleza do impessoal quando me senti mais confortável por ter entrevistado os adolescentes fora das dependências dos CEDUCs. Isso devido ao fato de serem ambientes insalubres, hostis, por eu ter que me deparar e conviver com a falta de condições físicas e existenciais nas quais esses adolescentes passaram meses da sua vida. Tudo isso me gerou angústia, angústia por perceber um mundo que, dentro dos muros daquelas instituições, existe uma imensidão presa no vazio sentidos e solitário, mesmo se relacionando com tantos outros.

Abrimos espaço para nos permitir questionar a nossa posição, não somente social, mas como profissionais da psicologia diante desse contexto de jovens e violência. O trabalho do psicólogo nesses contextos de medidas socioeducativas deve estar pautado no envolvimento e na construção de práticas que contribuam para a aplicação das políticas públicas de referência, baseado no que preconiza o ECA e o

SINASE, ou seja, deverá o profissional sempre integralizar suas práticas articulando com o Estado, a família, a sociedade e o indivíduo. Garantindo a proteção integral do adolescente, os seus direitos, como também, assegurar as possibilidades de transformação das mentalidades ainda orientadas pela doutrina da exclusão. Atuação esta que está referenciada na Cartilha produzida pelo Conselho Federal de Psicologia (2012).

Então, que profissionais são esses? Que práticas estão sendo executadas nesses contextos? Como a psicologia poderia agregar valor e conhecimento a esse campo? Sabemos que hoje as áreas de atuação da Psicologia Jurídica, Sistema Prisional, Medidas Socioeducativas e Violação de Direitos estão absorvendo profissionais psicólogos. Mas nós estamos preparados para essa imersão numa nova realidade? Ou apenas repercutimos discursos preestabelecidos e tidos como aceitos, contudo permanecemos agindo nos moldes arcaicos de controle, vigilância e exclusão? São questionamentos que devem ser revistos e refletidos por todos aqueles que desejam praticar a psicologia, seja qual for o campo de atuação.

Esperamos que o que foi apresentado neste estudo, bem como as reflexões preliminares empreendidas através das narrativas desses adolescentes, possam contribuir para uma maior compreensão da experiência de violência sob o olhar do adolescente autor de ato infracional. Como também, promover abertura para as possibilidades de promover ações frente à necessidade de prevenir o envolvimento destes nesse contexto. A discussão desse assunto, adolescente e violência, não é recente e nem pouco abordada. O que mais nos deparamos no nosso dia-dia é com matérias jornalísticas sobre fatos violentos envolvendo adolescentes, artigos discutindo o assunto, especialistas opinando sobre, debates, fóruns, leituras. Contudo, devemos destacar que discutir essas questões é necessário, como forma de pensar e propor

alternativas para diminuir e/ou amenizar o problema que é o envolvimento de adolescentes com a violência. Entretanto, o que percebemos é um gasto excessivo com debates e discussões absurdas, como por exemplo, a diminuição da maior idade penal. Será que o cerne deste problema social está na idade que esses adolescentes são apresentados as praticas de violência e as drogas? Ou será que a diminuição somente complicaria mais a situação, punindo cada vez mais os adolescentes de forma individualizada e focada apenas na ação dos seus atos? Nós como cidadãos e parte integrante do ser social não devemos perder o foco principal do ECA para esses meninos, o de compreender seu contexto e ações na tentativa de buscar formas de reintegração social, oportunidade de vida, educação e valores.

REFERÊNCIAS

- Adorno, S., Bordini, E. B. T. & Lima, R. S. (1999). O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. *São Paulo em Perspectiva*, 13(4), 62-74.
- Adorno, S. (2002). Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, 4 (8), 84-135.
- Almeida, R. S. (2008). O cuidado na primeira seção de Ser e Tempo. *Existência e Arte – Revista Eletrônica*, 4 (4), 1-16.
- Antoni, C. & Koller, S. H. (2002). Violência Doméstica e Comunitária. In: Contini, M. L. J., Koller, S. H. & Barros, M. N. S. (orgs.) (2002). *Adolescência e Psicologia: Concepções, Práticas e Reflexões Críticas*. Conselho Federal de Psicologia, Brasília/DF, pp 85-91.
- Arendt, H. (1994). *Sobre a Violência*. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 114 pp.
- Azevedo, A. K. S. & Dutra, E. (2012). Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. *Rev. abordagem gestalt*. [online]., vol.18, n.1, pp. 20-29. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1809-6867
- Barus, M. (2008). O sujeito e o destino. *Psicologia em Revista*, 14 (1), 17-36.
- Bezerra, V. C. & Linhares, A. C. B. (1999). A Família, o adolescente e o uso de drogas. In: BRASIL (1999). Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*, v.1. Brasília, DF, agosto, 303p.
- Brasil (2006). Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990. *Estatuto da criança e do adolescente*. Brasília/ DF: Secretaria Especial de Editorações e Publicações.
- Brasil (2010). Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, *Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei*. Brasília, Brasil. Recuperado em: http://jjj.tj.rs.gov.br/jjj_site/docs/FASE/SOCIOEDUCATIVO2010.PDF
- Brasil (2009). Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, Subsecretaria de Promoção aos Direitos da Criança e do Adolescente, *Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE*. Brasília, Brasil.
- Bruns, M. A. T., & Trindade, E. (2001). Metodologia fenomenológica: a contribuição hermenêutica da ontologia-hermeneutica de Martin Heidegger. In Bruns, M. A. T. & Holanda, A. F. (Orgs.). *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica. Reflexões e Perspectivas* (pp. 67-80). São Paulo: Omega.

- Carlini-Cotim, B., Gazal-Carvalho, C. & Gouveia, N. (2000). Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, 34 (6), 636-645.
- Carretero, T. C. (2003). Sofrimentos sociais em debate. *Psicologa USP*, 14 (3), p. 57-72.
- Carvalho, C. M. (2010). Violência infanto-juvenil, uma triste herança. In Almeida, M.G.B. *A violência na sociedade contemporânea* (pp. 30-44). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Casanova, M. A. (2009). *Compreender Heidegger*. Petrópolis/RJ. Vozes.
- Castro, A. L. S. & Guareschi, P. (2008). Da privação da dignidade social à privação da liberdade individual”. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 200-207.
- Coimbra, C. M. B. & Nascimento, M. L. (2005). Ser jovem, ser pobre é ser perigoso? Imagens sobre a juventude. *Jovenes, Revista de Estudios Sobre Juventud, Mexico*, 9(2), 338-355.
- Cordenadoria de Direitos Humanos e Defesa de Minorias (2009). *Dados da Cordenadoria de Direitos Humanos e Defesa de Minorias – CODEM*. Secretaria de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte, Natal.
- Conselho Federal de Psicologia (2012). Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas (os) em Programas de Medidas Socioeducativas. *Conselho Federal de Psicologia*, Brasília, Brasil.
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ/Brasiliense.
- Cruz, S. H., Azevedo, M. R., & Gonçalves, H. (2011). Vitimização por violência urbana em uma cidade de médio porte do sul do Brasil. *Rev. Brasileira de Epidemiologia*. 14(1), 15-26.
- Daudon, R. (1998). *A violência: ensaio acerca do “homo violens”*. (Tradução Pilar Ferreira de Carvalho e Carmen de Carvalho Ferreira). Rio de Janeiro: DIFEL (Enfoques: Fiolosofia), 111p.
- Dutra, E. (2000). Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa. *Tese de doutorado. Universidade de São Paulo*.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 371-378.
- Dutra, E. (2006). Compreendendo os significados da violência para jovens de um bairro na periferia de Natal-RN. *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas*. Vitória: UFES.

- Dutra, E. (2008). Afinal, o que significa o social nas praticas clinicas fenomenológico-existenciais? *Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro*, 8 (2), 221-234.
- Dutra, E. (2011). Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. *Rev. abordagem gestalt.* [online], vol.17, n.2, pp. 152-157. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1809-6867.
- Dutra, E. (2012). Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, vol. 12, n.3, pp 924-937.
- Espíndula, D. H. P. & Santos, M. F. S. (2004). Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei. *Psicologia em estudo – Maringá*, 9(3), 357-367.
- Feijoo, M.C. & Assis, S.G. (2004). O contexto de exclusão social e vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, 9 (1), 157-166.
- Feijoo, A. M. C. (2010). Tédio e finitude: da Filosofia à Psicologia. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa.
- Feijoo, A. M. L. C. (2011). A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 16 (3), 409-417. Recuperado em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a08.pdf>
- Fernandes, M. A. (2011). O cuidado como amor em Heidegger. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17 (2), p. 158-171.
- Frota, T. L. L. (2007). *Entre o pavilhão e o inferno. Trajetória dos meninos infratores no Ceduc-Pitimbú*. Ed. Ideia. João Pessoa-PB.
- Frota, A.M.M.C. (2007). Diferentes concepções da infância e da adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), p. 147-160.
- Guimarães, S. P. (2006). *Representação social da violência em adolescentes: da norma social ao espaço do sujeito*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Gallo, A. E. & Williams, L. C. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 38(133), p. 41-59.
- Gullo, A. A. S. (1998). A violência urbana um problema social. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*. 10 (1), 105-119. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a07v10n1.pdf>
- Hayeck, C. M. (2009). Refletindo sobre violência. *Revista brasileira de Historia & Ciências Sociais*. 1(1), p. 1-8.

- Heidegger, M. (2011). *Ser e tempo* (5^o ed., M. S. C. Schuback, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Texto original publicado em 1927)
- Heidegger, M. (2012). *Ensaio e conferências* (8^a ed., E. C. Leão, G. Fogel e M. S. C. Schuback, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Textos originais publicados em 1953).
- Jost, M. C. (2010). Fenomenologia das motivações do adolescente em conflito com a lei. *Psicologia Teoria e Pesquisa* 26 (1), 99-108.
- Junqueira, M. R., & Jacob, M. (2006). O olhar do adolescente em conflito com a lei sobre o contexto social. *Revista Virtual Textos & Contextos*, 6 (5).
- Lordelo, L. R., Bastos, A.C. S., Alcântara, M. A. R. (2002). Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente. *Psicologia em Estudo*, 7 (2), 31-40.
- Mattar, C. M., & Sá, R. N. (2008). Os sentidos de “análise” e “analítica” no pensamento de Heidegger e suas implicações para a psicoterapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ*, 8 (2), pp. 191-203.
- Maux, A. A. B. & Dutra, E. (2009). Do útero à adoção: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. *Estudos de Psicologia*, 14(2), pp 113-121.
- Melo, M. C. B., Barros, E. N. & Almeida, A. M. L. G. (2011). A representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município de Jaboatão dos Guararapes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(10), 4211-4220.
- Minayo, M. C. S. & Souza, E. R. (1998). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, 4(3), 513-531.
- Minayo, M. C. S. (2001). Violência contra criança e adolescente: questão social, questão de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 1(2), 91-102.
- Minayo, M. C. S. (2005). Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Souza, E. R. & Minayo, M. C. S. (2005). Impacto da violência na saúde dos brasileiros (2005). Série B. Textos Básicos de Saúde. Ministério da Saúde. Brasília/DF pp 9-33.
- Naves, G.S. (2009). Liberdade e Autenticidade em Martin Heidegger: Uma análise fenomenológica do Homem. *Poros, Uberlândia*, 1 (1), p. 63-77.
- Oriente, I. & Sousa, S. M. G. (2005). O significado de abandono para crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, 11 (17), 29-46.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: Uma perspectiva crítica. In: Contini, M. L. J., Koller, S. H. & Barros, M. N. S. (orgs.) (2002). *Adolescência e Psicologia: Concepções, Práticas e Reflexões Críticas*. Conselho Federal de Psicologia, Brasília/DF, pp 16-24.

- Paiva, I. L. & Yamamoto, O. H. (2011). *Os novos Quixotes – da psicologia e prática social no âmbito do “terceiro setor”*. Natal: EDUFRN.
- Rocha, Z. (2010). A otologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. *Revista de Filosofia*, 38 (120), 1-30.
- Sá, R. N. (2010). A analítica fenomenológica da existência e a psicoterapia. In: Feijoo, A. M. C. (Org.). *Tédio e Finitude: da Filosofia à Psicologia* [pp. 177- 199]. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa.
- Sá, R. N., Mattar, C. M., & Rodrigues, J. T. (2006). Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*. 18 (2), 111-124.
- Silva, E. R. A. & Guaresi, S. (2003). Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Brasília, Brasil. ISSN: 1415-4765*
- Silva, E. P. (2002). Um olhar sobre o CEDUC. In: Silva, E. P. (org.) (2002) *Um Olhar sobre o CEDUC. Lei x Realidade numa instituição de privação de liberdade*. TerrAmar.
- Seibt, C.L. (2009). Poder-ser próprio: Angústia e morte em *Ser e Tempo* de Heidegger. *Revista Philosophica*, 35 (1), p. 181-197.
- Sodré, O. (2004). Contribuição da fenomenologia hermenêutica para a psicologia social. *Psicologia USP, SP*, 15 (3), p. 55-80.
- Spanoudis, S. (1981). Apresentação: A todos que procuram o próprio caminho. In: Heidegger, M. (1981). *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo. Moraes pp 9-22.
- Trassi, M. L. & Malvasi, P. A. (2010). *Violentamente pacíficos – desconstruindo a associação juventude e violência*. São Paulo: Cortez Editora.
- Xavier, A. (2008). A construção do conceito de criminoso na sociedade capitalista: um debate para o serviço social. *Revista Katál*. Florianópolis. 11(2), 274-282.
- Waiselfisz, J. (2012). *Mapa da violência: Os novos padrões da violência no Brasil*. Brasília: UNESCO.
- Wieviorka, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. 9 (1), 5-41.